

PAISAGEM 2022

homenagem a Zeka Araujo

ZAGUT



#FIQUEMCASA
#STAYHOME

Adriana Montenegro . Alex Araripe . Ana Branco .
Ana Luiza Mello . Ana Morche . Ana Pose . Angela Moraes . Anita Fizon .
Augusto Herkenhoff . Bel Guimarães . Benjamin Rothstein . Bruno Araujo . Caetano Rocha .
Carmen Bello . Carmen Givoni . Celina Nolli . Celso Adolfo . Cerise E . Cesar Paes Barreto .
Christian Quellmann . Claudia Carneiro . Claudia Watkins . Conceição Durães . Cunca Bocayuva .
Dora Portugal . Dulce Lysyj . Eduarda Serra Barreto . Eduardo Mariz . Eduardo Passos . Fernando Brum .
Francine Simões . Gilda Lima . Gloria Conforto . Guto Goulart . Helena D'Ávila . Ilda Fuchshuber . Iraceia Oliveira .
Isabella Marinho . Isis Braga . Jarbas Paullous . João Galvão Jr . Jorge Cerqueira . Jorge Duarte . José Rocha . Judite Alice .
Julio Scharfstein . Lando Faria . Lenn Cavalcanti . Lennart . Let Cotrim . Lia do Rio . Liana González . Liane Briand . Luah Jassi .
Lucia Lyra . Luciane Villanova . Lucio Volpini . Luiz Henrique . Luiz Marcelo Resende . Luiz Norões . Marcelo Alram . Marcelo Veiga .
Marcia Cavalcanti . Maria Cecília Leão . Maria Perdigão . Maria Veronica Martins . Mariana Nobre . Mariza Vescovini . MarQo Rocha .
Marta Bonimond . Martha Pires Ferreira . Mauricio Tassi . Mauricio Theo . Miguel Hijjar . Nilton Pinho . Nissin Moussatche .
Noemi Ribeiro . Pat Freire . Paula Rindborg . Paulo Mittelman . Pedro Bento . Ranieri Mazzilli . Raquel Camacho . Regina Helene .
Regina Moura . Roberta Salgado . Roberto Negri . Rogério Reis . Rosangela Soares Pinto . Rose Aguiar . Rose Nobre .
Rosi Baetas . Salazar Figueiredo . Sandra Macedo . Sandra Schechtman . Silvana Câmara . Silvio Moréia .
Sissi Kleuser . Teresinha Mazzei . Téssara . Uaira Bartira . Vania Pena C . Vanize Claussen . Vera Hermano . Vera Lins .
Vicente Duque Estrada . Vilma Lima . Zé Igino . Zeka Araujo .

ZAGUT

Abertura

08 Janeiro 2022
16h

Exposição

Virtual permanente
www.espacozagut.com

ZAGUT

Direção Geral Zagut: Isabela Simões e Augusto Herkenhoff

Texto Zagut: Isabela Simões

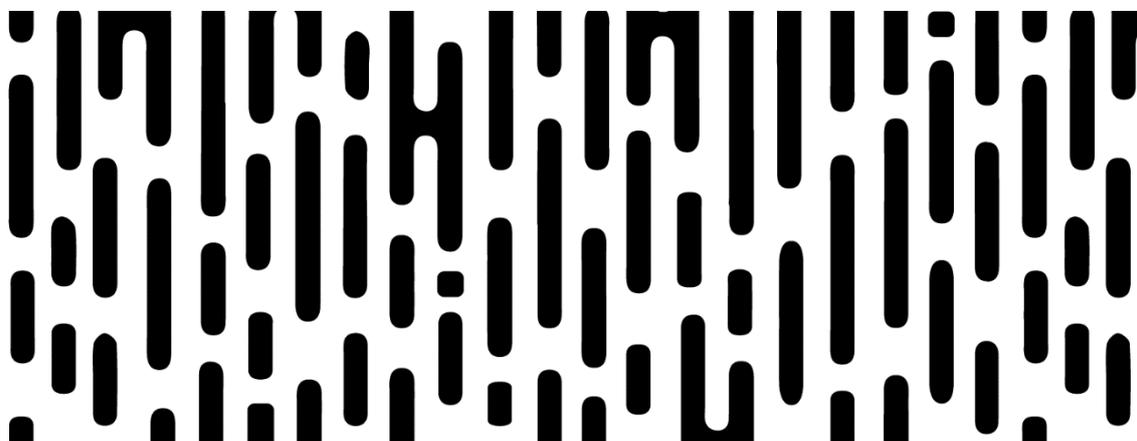
Ensaio crítico: Carlos Taveira

Conteúdo, comunicação e imagem: Helen Pomposelli

Edição dos vídeos: Vicente Duque Estrada e Mauricio Theo

Imagem da capa: Fernando Brum

Arquitetura de montagem: Leonor Azevedo, Isabela Simões.



A PAISAGEM DE ZEK A ARAÚJO PEDE PASSAGEM

A gente pode interferir um pouco na paisagem - Zeka

Estamos há praticamente um ano sem o Zeka. Algum tempo antes de falecer começou a trabalhar conosco na Zagut, já durante a pandemia, o que fez com que não tenhamos memórias suas nos eventos presenciais. Suas obras trazem grande prazer na sua fruição, sejam as fotografias, sejam as obras digitais às quais vinha se dedicando. Incluindo a fotografia mais linda de paisagem do Rio que já vi.

Três artistas que têm a sua marca profunda, nos remetem sempre a ele: Bruno Araújo seu filho, e Miguel Hijjar e Vicente Duque Estrada seus queridos amigos. Augusto o conhecia há décadas, um dia encontrou com ele e alunos a caminho de uma exposição, se juntou ao grupo, passou o dia com eles, impressionado com sua sempre agradável companhia e enorme capacidade de acolhimento. Talvez outros artistas, até mesmo fotógrafos, não tenham ideia da sua importância para a fotografia e a arte em nosso país. Por isso a homenagem se torna tão necessária.

Numa entrevista conta como começou a fotografar: morador da Gávea, fotografava com uma máquina emprestada o futebol da turma. Participa com Paulo Coelho de um jornalzinho impresso em mimeógrafo com cinco edições de dez exemplares, o Rota 15.

Começa com o fotojornalismo no Diário de Notícias (a capa com o cortejo fúnebre na ditadura do estudante Édson Luiz à luz de faróis vendeu muito), passou pelo O Cruzeiro (onde o fotógrafo tinha a profissão muito respeitada, fotografou de uma sala da Embratel o homem chegando na lua), O Globo (matéria sobre a Transamazônica na ditadura), Placar, Editora Abril como correspondente em Londres entre 74 e 78 (foi a 18 países), agência Colorsport, Isto é, Repórter Três, criou a agência Casa da Foto em 84 e depois, em 86, foi da F4 (com o querido Rogério Reis, entre outros). Também foi editor de fotografia da Manchete e do Jornal do Brasil, consultor do programa Arquivo N da Globonews. Colaborou com a imprensa internacional, como com o The Observer e com a agência francesa Magnum.

Foi no retorno de Londres, em 79, que na Funarte criou o Núcleo de Fotografia que veio a se tornar o Instituto Nacional. Lá fez curadorias diversas, algumas importantíssimas, por exemplo no III Colóquio latino-americano de Fotografia. Realizou as primeiras exposições na Galeria de Fotografia: Nossa Gente, mostrando a realidade da nação. Fez exposição do hoje aclamado Sebastião Salgado. De lá partiu a Semana Nacional da Fotografia. Foi curador do Centro de Imagens do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro em 85.

Deu aulas na Escola de Artes Visuais do Parque Lage e para crianças carentes, no ateliê de imagens da ESDI e da Escola de Cinema Darcy Ribeiro. Ganhou o Prêmio Nacional da Funarte na década de 90, pelo conjunto da obra e por ter facilitado o desenvolvimento da fotografia no país. Também ganhou o Marc Ferrez da Fundação Marc Chagall.

Fez livro com Tom Jobim sobre o Jardim Botânico, onde pensava na vida e encontrava com o maestro, que foi convidado para o projeto durante uma matéria da Revista de Domingo do Jornal do Brasil, com uma reedição com o filho do Tom, Paulo, nos dez anos da morte do músico. Publicou também Rio Zona Norte, colaborou com o Brasil 500 anos, Rockpop, O melhor da terceira idade, Rio Científico, Projeto Respiração. Prefaciou livros como os de Aurélio Alpoim e de Emanuel Castro Oliveira.

Fez em 2009 o documentário “Muito prazer, Walter Firmo“, com o amigo; fez outros sobre a crise da saúde, sobre o centro de referência em tuberculose Prof. Hélio Fraga. Fez programa para a GNT sobre fotojornalismo. Dirigiu a fotografia da produção alemã Richard Wagner meets Brasil.

Expôs em diversos locais no Brasil, como CCBB (a exposição Devir nos 10 anos do centro, e coordenou seminário, e a exposição Fome), Paço Imperial (A imagem do som de A. C. Jobim), OI FUTURO (Antigo Centro Cultural Telemar, a exposição Plano Infinito), Museu da República (Os amigos), SESC Copacabana e itinerância para diversos outros (Quatro, em conjunto com Walter Firmo, Walter Carvalho e Levindo Carneiro), Centro Cultural Hélio Oiticica (Balangandãs), Largo das Artes, Galeria 90 Arte Contemporânea (Dias a fio), Casa do Saber (Mutações). E no exterior em diversos locais como: Londres, Paris, Toronto, Buenos Aires. Participou em seminário no Centro de Cultura

Laurinda Santos Lobo, palestras na Biblioteca Nacional, na Universidade Federal da Bahia. Fotografou catálogos e exposições como, por exemplo, na Fundação Eva Klabin, no Centro de Artes Hélio Oiticica. Fez ensaios fotográficos para livros como dos 70 anos da RÁDIO MEC e dos 40 anos da TVE.

Suas obras estão em diversas coleções: MASP/Pirelli, Joaquim Paiva, Banco de Santos, Itaú Cultural, Universidade de Toronto, FUNARTE.

Pouco antes de seu falecimento, em entrevista a Caio Proença, contava suas inovações na cobertura da Fórmula 1, não se intimidando em meio a tantos outros equipamentos tão mais caros, assim como a criação de reportagem em bairro periférico londrino, sua participação no centro de fotografia londrino que deu algumas sementes no projeto da Funarte, sua atuação como ator, seu posicionamento político no Brasil de hoje e em relação ao negacionismo na pandemia. Termina com a frase: “A gente pode interferir um pouco na paisagem”.

Poucos dias após sua morte, foi feita uma reunião online disponível no youtube, da Estação Sabiá, com Regina Zappa, Milton Guran, Sergio Sbragia e Rogério Reis. Nessa interessante homenagem Guran refere: o primeiro a propor uma ação de política pública a favor da fotografia. Na edição de 2020 do Foto Rio foi realizada outra homenagem. Que venham muitas mais! Nosso artista, documentarista, fotógrafo de jornalismo, grande pensador e incrível realizador muito as merece! Que essas sementes mudem a paisagem da memória tão curta da nossa sociedade.

Bibliografia:

ZEKA Araújo. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2021.

Disponível: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa15540/zeka-araujo>. Acesso em: 18 de dezembro de 2021. Verbetes da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

https://oeco.org.br/fotografia/15253-oeco_12868/

<https://catadoradeversos.blogspot.com/2011/06/zeka-araujo.html>

<http://www.abi.org.br/imagens-de-zeka-araujo-em-tres-tempos/>

<https://cariricaturas.blogspot.com/2011/06/fotografo-zeka-araujo-um-transgressor.html>

http://www.rioecultura.com.br/expo/expo_antigas2.asp?expo_cod=1535

<https://www.youtube.com/watch?v=mMkyjGqHqUE>

<https://www.youtube.com/watch?v=AWmdr4TeIZU>

https://www.fotorio.fot.br/event/homenagem-aos-fotografos/



Fonte: Biblioteca Nacional

*“o poeta não está no visível
ele é a pulsação do invisível”*

Fernando Karl

Carlos Vinícius da Silva Taveira
Doutor em literatura cultura e contemporaneidade
Mestre em teoria da história da arte

Produzir a paisagem.

Em uma rápida busca no dicionário sobre o termo “paisagem” podemos deduzir a partir da leitura preliminar de cerca de dez possíveis significados para o termo, que essa palavra pode ser apontada como uma possibilidade resumida em: até onde os sentidos são capazes de alcançar. De início essa interpretação já posiciona a paisagem como articulada ao campo das percepções, e afasta a tradicional ideia de submetê-la ao domínio somente do visual. Não é só com os olhos que vemos, mas mediante uma complexa relação com o nosso próprio corpo.

Essa exposição que ocorre na galeria Zagut com produção de Isabela Simões e Augusto Herkenhoff buscou dar espaço para a manifestação da paisagem, sobretudo em amplitude maior do termo, nas obras de arte. Parte-se do princípio de que a paisagem não é algo dado, ou construído somente pelo artista, mas sim, resultado da interação da obra artística em interlocução com o espectador. Em outras palavras, não importa a constituição da obra de arte, e seus pormenores técnicos e estéticos, mas também seus efeitos práticos em como ela toca o outro, estabelecendo o seu verdadeiro contato em forma de diálogo.

Dito isto, a paisagem é criada na troca entre quem a olha, e quem é olhado por ela. A substância formadora dessa, é fruto de um mistério a ser decifrado e estabelecido entre a proposição inventada pelo artista e pela experiência atingida pelo espectador. A paisagem que muitas vezes imaginamos como fixa e estática, na realidade é móvel e constantemente montada na interface interna de quem a vê e do ser observável.

Neste ponto abrimos uma interrogação para juntarmos dois eixos fundamentais: primeiro, a paisagem é composta de percepções fragmentadas do que chamamos de

realidade, e segundo, da junção que realizamos das mesmas dentro de nós envolvendo desejos, vontades, racionalidades e outros. Isso aponta para dizermos que a paisagem não está fixada na obra de arte em si criada pelo artista que durante muito tempo buscou estar mimetizando a realidade, mas sim com o objeto de arte gerando potenciais fragmentos que ao tocar no corpo são captados e montados na interioridade cognitiva do ser e que se tornou o cerne do que pensamos como paisagem na contemporaneidade.

A arte da paisagem que é tratada como uma representação visual amplamente visível e compartilhada do “olho para fora”, deve ser complementada pelo papel exercido por componentes corporais e subjetivos dos indivíduos. Existe a necessidade de imprimirmos uma revisão epistemológica que permita elementos que a operacionem - observamos a paisagem não mais como um gênero específico da história da arte, mas sim, como um elemento de abertura e de criação de diferença. O indivíduo não assiste uma paisagem, ele a adentra, como produto de movimento imersivo.

Originalmente a paisagem surge como um campo de estudo nas artes com a análise da ideia de natureza. Nesse momento, o termo natureza ganhou relevância devido ao contexto cultural renascentista. Existem paisagens presentes em obras da antiguidade e da idade média onde o termo possuiu denotações distintas devido ao panorama de costumes e tradições do momento. Para ficarmos em um exemplo, basta destacarmos como havia uma *physis* grega capaz de ser elemento formador de tudo em uma dinâmica cosmológica de mundo nos tempos antigos, e uma estrutura cristã que criava hierarquias entre o natural e o cultural que serão rearranjados no renascimento e que resultarão em conceitos e metodologias sobre a arte que permeiam até os dias atuais. Em ambas as sociedades pensar a paisagem, é também estabelecer uma troca com questões que a atravessam.

O período do renascimento deu início à investigação da natureza, antes observada como cercada de mistério divino. O método científico que paulatinamente foi ocupando espaço caracterizou a observação, e o desvendamento do natural como objetivo primordial. Ao mesmo tempo, a história da arte, disciplina do saber recém-criada criava sistematizações e organizações dentro do conhecimento das artes. A paisagem passava a ter seus limites definidos.

A paisagem ganhou nuances distintas se estudarmos o que estava ocorrendo no contexto mediterrâneo e do norte da Europa no renascimento. Nas cidades estados que constituíam a península itálica houve o apoio de mecenas e de criações encomendadas. Ao Sul houve uma valorização da representação de cenas narrativas, ou mesmo de

trajetórias religiosas e míticas. Em outra vertente nas regiões que hoje podem ser compreendidas nos países da Holanda, Bélgica, ou mesmo da Alemanha, ocorreu um desenvolvimento do mercado de arte que levou os artistas a buscarem um alto grau de especialização em subgêneros da paisagem.

Foi comum na Europa renascentista setentrional encontrarmos pinturas de cenas como barcos partindo, do mar revolto em tempestades, de campos de alimentos e outros temas. A paisagem era transferida para a tela e posteriormente envolta em moldura e posicionada nas paredes domésticas. Em comum a relação com a obra era projetada, como se pudesse se transformar em uma janela onde o indivíduo teria controle da visibilidade em um processo altamente racional.

Isso não significou que os artistas se renderam a padrões restritos de criação artística, pois existiu uma grande valorização da experimentação nas obras de arte do período que podemos perceber nos trabalhos que chegaram até nós, mas sim, que se efetuou uma tentativa, em parte bem-sucedida, de impor diretrizes do que seria belo, e por consequência do que deveríamos olhar em uma obra. Elementos considerados figurativos e legíveis, ou seja, que poderíamos ligar seu signo a um significado mereceram mais importância do que fragmentos que a princípio não conseguimos sequer nomear, porém, que insistiam em chegar até nós de alguma maneira.

Assim a dimensão do olhar ganha uma leitura contemporânea sobre a arte nos últimos séculos ao questionar a dimensão visual da arte. Devemos olhar tais pontos em detrimento de outros, foi uma hierarquia que passou a ser questionada e posteriormente desconstruída. Séculos depois, com o incremento das discussões do romantismo e do impacto da filosofia e ciência do século XX que foi finalmente possível sacramentarmos que o olhar é composto em grande parte por subjetividade e em outra vertente de elementos que percebemos em escala inconsciente.

Assim, abre-se um novo horizonte para pensarmos o que consideramos como paisagem. Uma verdadeira fenda em que se olha alguma coisa e que simultaneamente se percebe outra, da qual, não conseguimos minimamente nomear no plano do discurso, mas que resiste e insiste em se manifestar. Dentro de nós nesse caso, cabe salientarmos como nosso olhar é atravessado por diversas camadas que podemos enumerar no trecho abaixo do filósofo francês Merleau-Ponty quando diz:

Quando eu vejo, através da espessura da água, o ladrilhado do fundo da piscina, não o vejo apesar da água, dos reflexos; vejo-o justamente através deles, por eles. Se não houvera essas distorções, essas

*zebruras de sol; se eu visse sem esta carne a geometria do ladrilhado, então é que cessaria de ver como ele é, onde ele está, a saber: mais longe do que qualquer lugar idêntico. A própria água, o poder aquoso, o elemento xaroposo e cintilante, não posso dizer que esteja no espaço: ela não está noutra lugar, mas também não está na piscina. Habita-a, nela se materializa, nela não está contida, e, se ergo os olhos para a tela dos ciprestes onde brinca a rede dos reflexos, não posso contestar que a água a visita também, ou pelo menos a ela envia a sua essência ativa e viva. Esta animação interna, essa irradiação do visível é que o pintor procura sob os nomes de profundidade, de espaço e de cor.*¹

Merleau-Ponty chama atenção para uma nova ontologia do olhar em que se “olha através de” e não “apesar de”. O ato de olhar não prescinde de uma assepsia em que separamos o que supostamente nos atrapalha, do que pode ser visível. É justamente o contrário que transcorre, pois é mediante subsídios que nos atravessam que podemos ter a capacidade, mesmo que momentânea, de acessar determinada visibilidade. Sendo possível que ao menos não tenhamos recursos expressivos para transmitir o que vimos, cabendo assim um processo de poieses para darmos conta do real que sempre escapa.

Isto ocorre com o que denominamos como paisagem. Podemos utilizar de instrumentos técnicos, teóricos ou meramente criativos capazes de aumentar nosso campo dos sentidos e por desdobramento, nossa sensibilidade, mas temos que nos abrir para esse olhar e aceitá-lo sempre como uma nova perspectiva. Isso implica em pensarmos sinestesticamente em que podemos olhar com troca de percepções entre nossos sentidos. É possível ver sem olhos, mas com nossos ouvidos, ou tato.

Por fim, os trabalhos expostos aqui tentam explorar o conceito de paisagem de diversas maneiras. São linguagens peculiares e múltiplas que se juntam a outras, e que acessamos com nossos corpos, e em boa parte pelo nosso aparato tecnológico de computadores, tabletes e etc que permitem configurações singulares que pode abrir nossas percepções a novos olhares. Convido por fim o leitor, o espectador, ou o espectador dessas obras e inventarem novas formas de ver e que adentre nas paisagens a seguir participando do seu processo de composição e produção infinito.

Bibliografia

CAUQUELIN, Anne. A Invenção da Paisagem. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

DIDI-HUBERMAN, Georges. O que vemos, o que nos olha. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

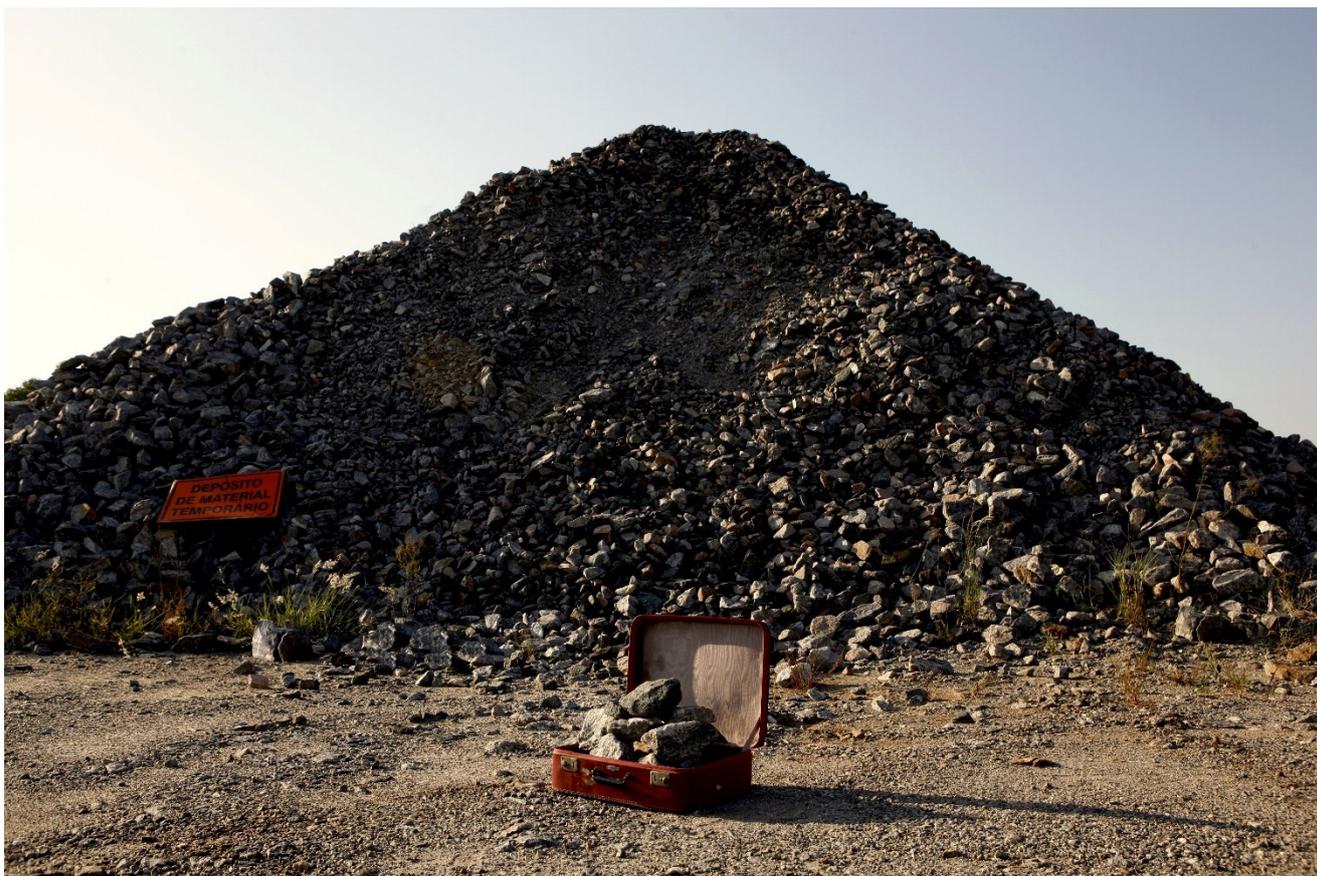
1 O olho e o espírito p. 104.

Adriana Montenegro



A trilha; vídeo; 1:23'; 2021

Alex Araripe



Corpo_obra; fotografia, impressão fine art em papel 100% algodão; tiragem 3;
60 x 40 cm; 2021

Ana Branco



A Terra é redonda - Zequinha no Céu; pastel, guache, nanquim s/ papel Canson 300g.; 21 x 29 cm; 2021

Ana Luiza Mello



Fantasia; desenho e arte digital, impressão fine art; 42 x 24 cm; 2021

Ana Morche



Pela janela...; acrílica e tecido s/ tela; 30 x 50 cm; 2021

Ana Pose



O Banco; fotografia digital; impressão jato de tinta em papel algodão; 60 x 40 cm; tiragem 7; 2021

Angela Moraes



A revolta da lagoa; acrílica s/ tela; 50 x 90 cm; 2021

Anita Fizon



Da paisagem; fotografia digital impressa em papel 100% algodão; 20 x 50 cm;
tiragem 3; 2022

Augusto Herkenhoff



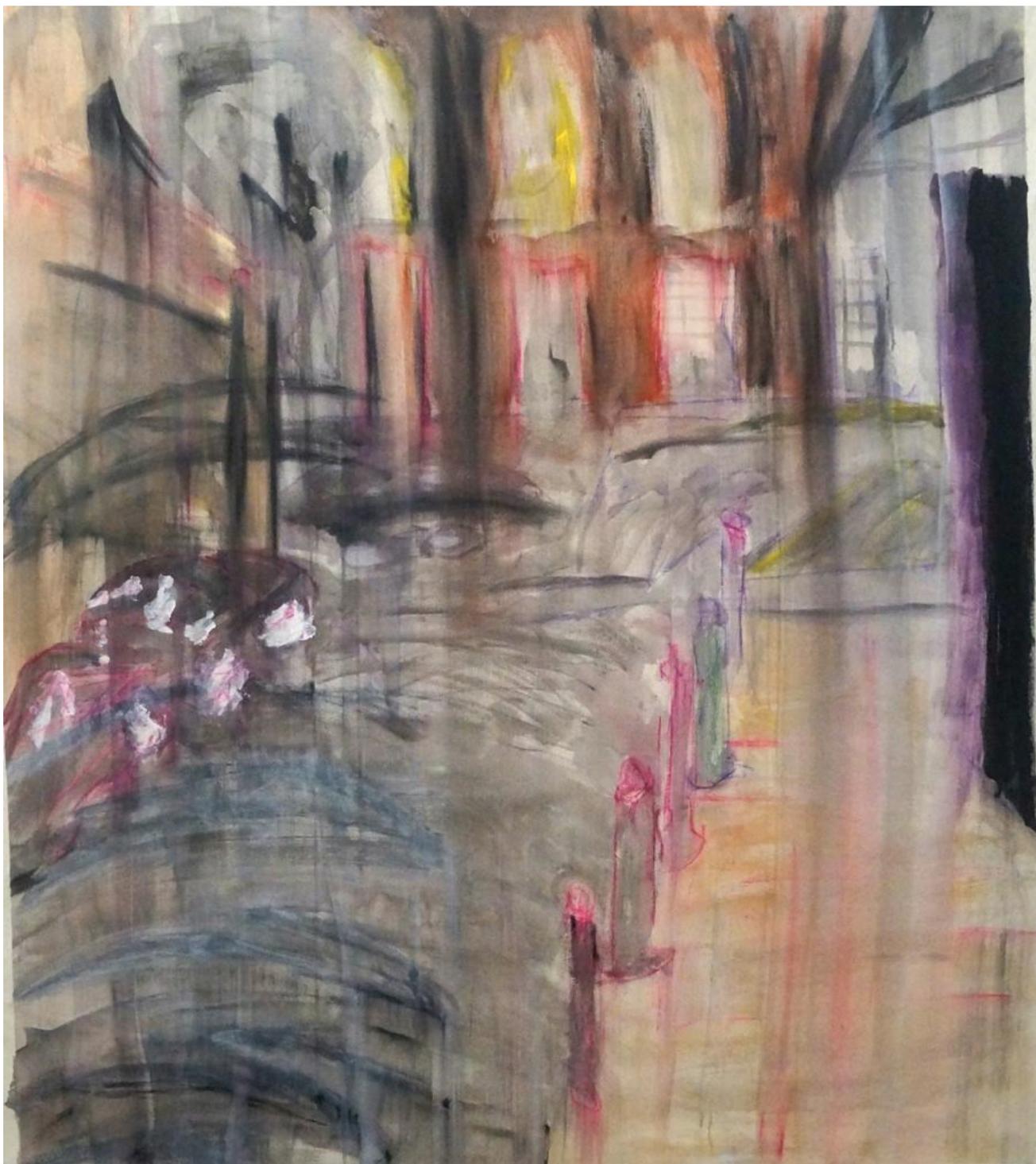
Rio Zeppelin; acrílica s/ tela; 115 x 130 cm; 2014

Bel Guimarães



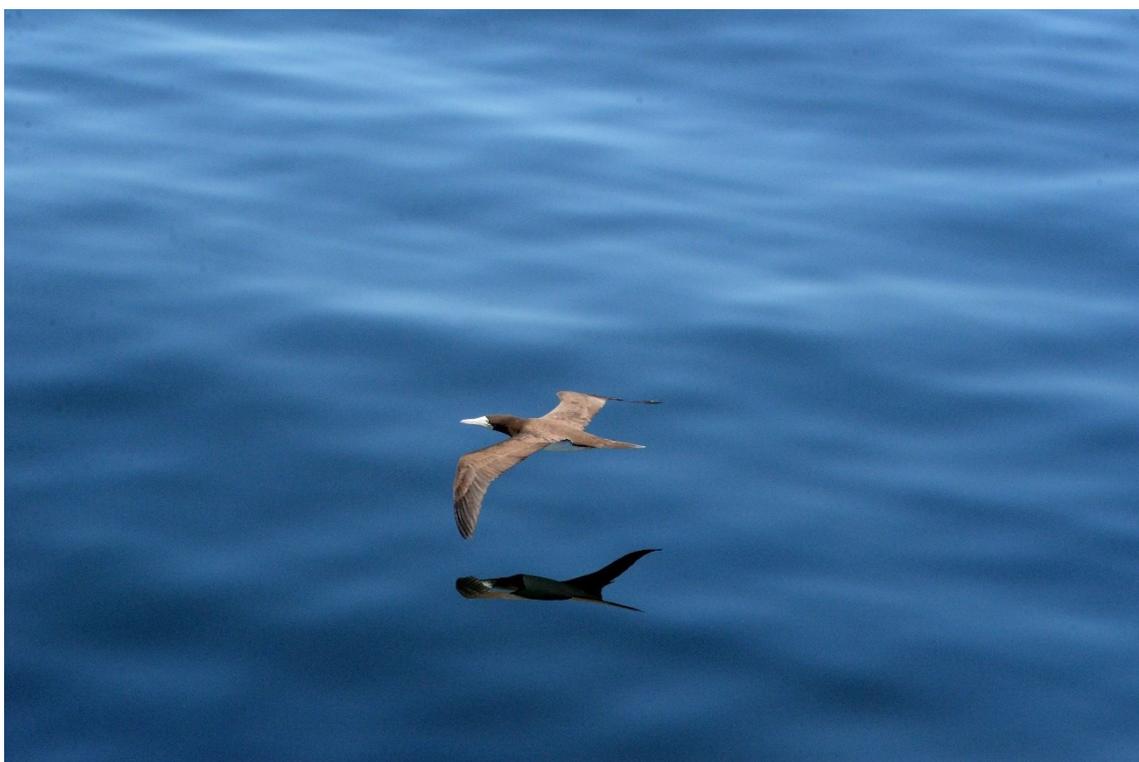
Paisagem no lixo; fotografia impressão fine art papel 200 g.; tiragem 10; 21 x 29 cm; 2022

Benjamin Rothstein



Sobre adentro; acrílica s/ tela; 148 x 129 cm; 2021

Bruno Araújo



Ave Mar 4 e Ave Mar 8, Série Ave Mar; fotografia digital; 90 x 60 cm; 2017

Caetano Rocha



Selvagem; acrílica s/ tela; 60 x 50 cm; 2020

Carmen Bello



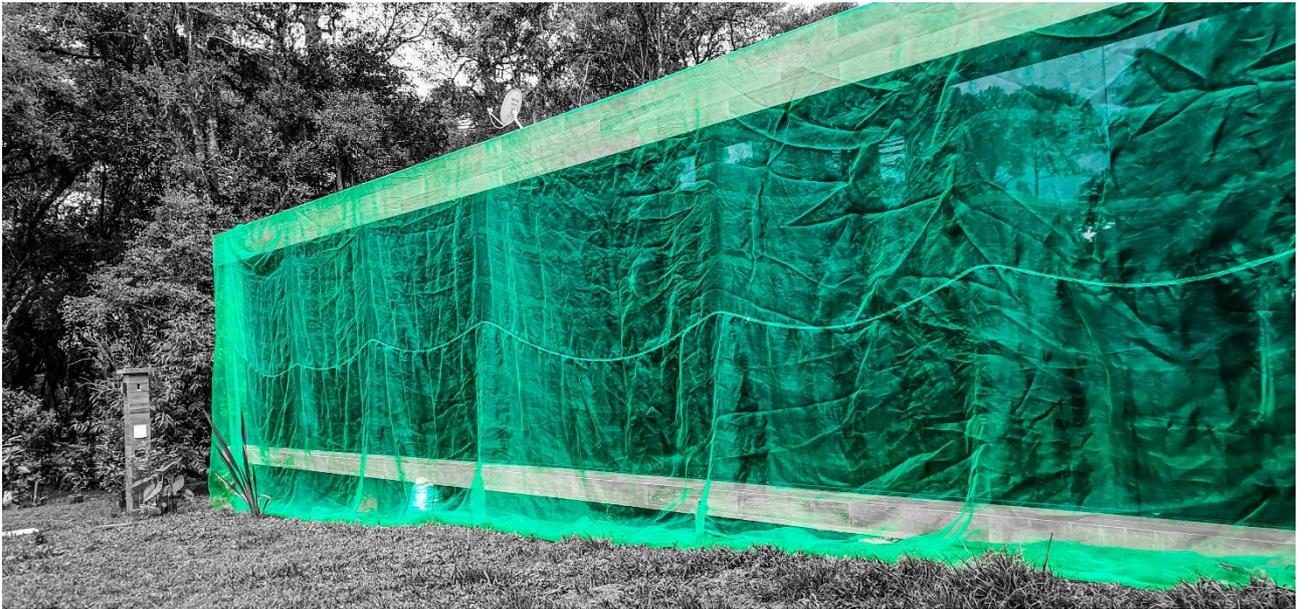
Azul de Mim; acrílica s/tela; 53 x 64 cm; 2020

Carmen Givoni



Igapó Amazônico; fotografia digital, impressão fine art s/ canvas; tiragem 2;
35 x 42 cm; 2019

Celina Nolli



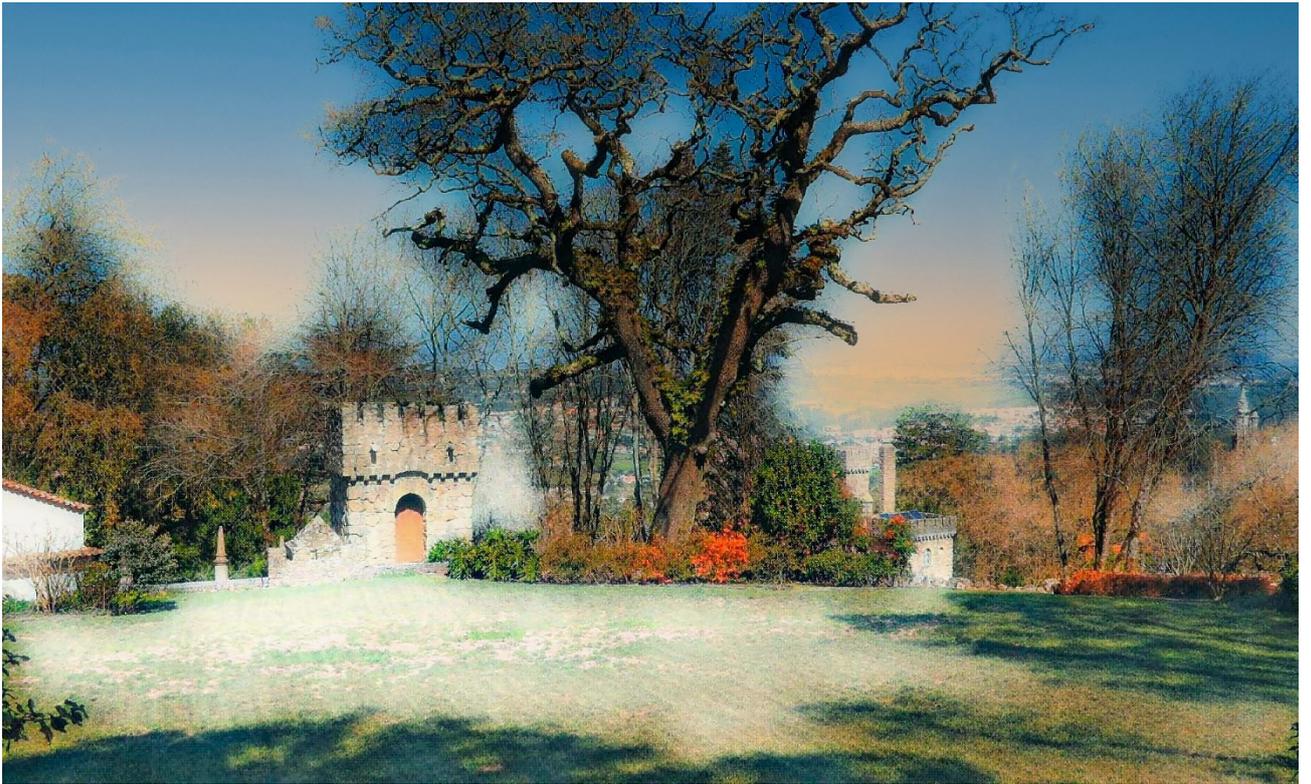
Concretude; fotografia manipulada digitalmente, impressão fine art em papel texturizado Canson Arches Aquarelle 310g; 70 x 100 cm; 2022

Celso Adolfo



Atrás do bosque; mosaico/ vidros; 150 x 40 cm; 2021

Cerise E.



Alucinação; fotografia e arte digital, impressão fine art; tiragem única; 60 x 90 cm; 2020

Cesar Paes Barreto



Ver-o-Peso das cores; arte digital em smartphone, impressão em canvas
Canson matte 395 g, com tintas de pigmento mineral; edição única; 60 x 40 cm;
2021

Christian Quellmann



Waste Land; tiragem 5; fotografia impressão fine art; 30 x 40 cm; 2019

Cláudia Carneiro



Paisagem Azul; acrílica s/ tela; 68 x 85 cm; 2013

Claudia Watkins



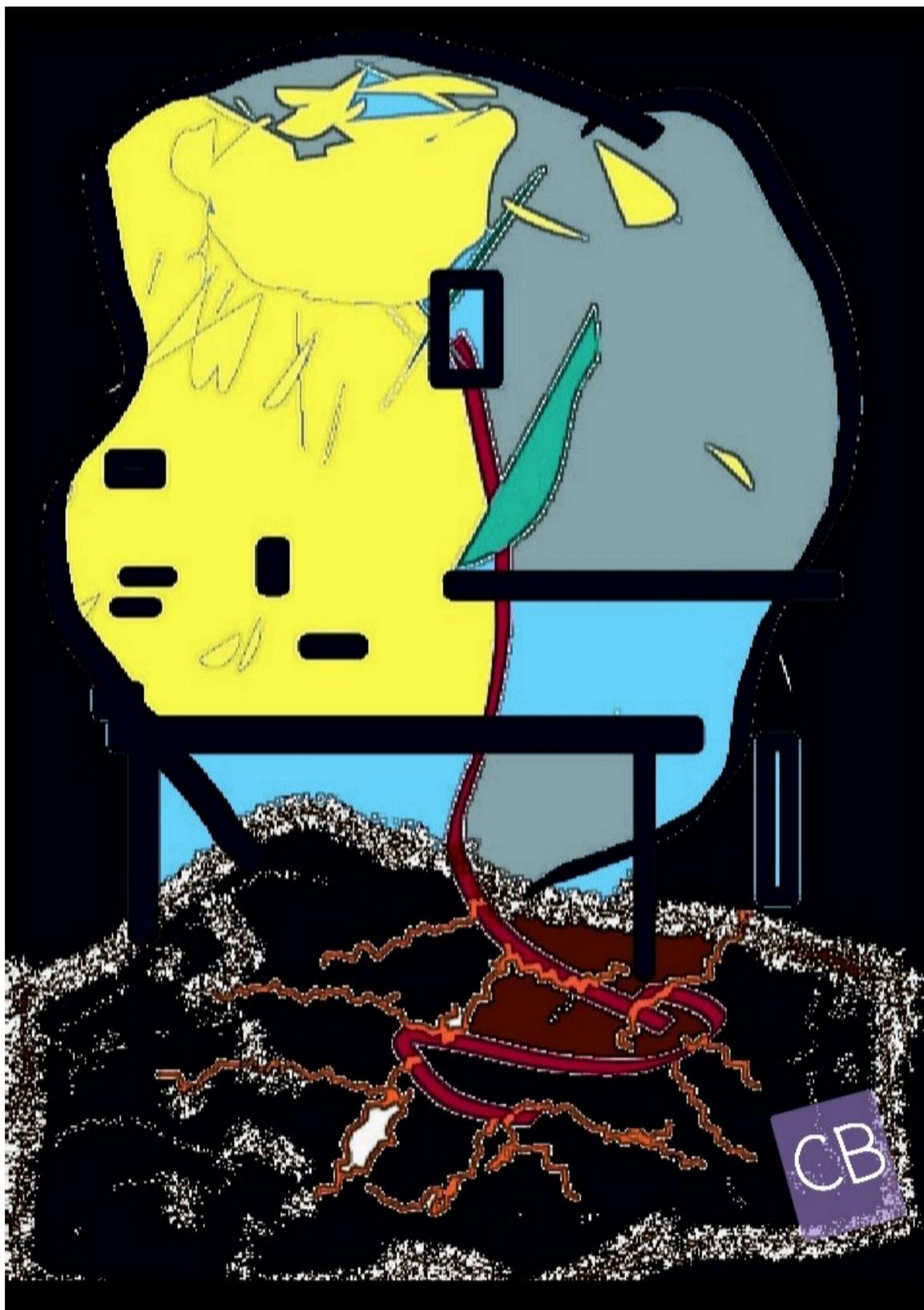
Mind scape; técnica mista s/ tela; 100 x 100 cm; 2021

Conceição Durães



Paisagem Urbana; acrílica s/ lona; 38 x 55 cm; 2021

Cunca Bocayuva



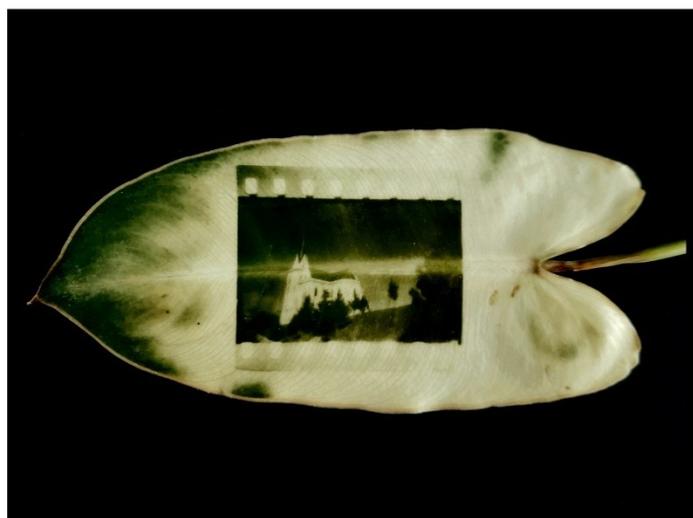
Passagem; desenho digital, impresso em papel de qualidade fotográfica; 29 x 42 cm; tiragem 3; 2021

Dora Portugal



Rosa Que Te Quero Rosa; acrílica s/ papelão; 60 x 42,5 cm; 2021

Dulce Lysyj



Bariloche, 1961: pelos olhos do meu pai (tríptico); fitotopia (fotografia); 15 x 20 cm cada); 2021

Eduarda Serra Barreto



Paisagens íntimas; fotocomposição digital; tiragem 10; 30 x 35 cm; 2021

Eduardo Mariz



QUEMA; fotografia digital impressa por fine art e emoldurada em caixa de madeira e vidro cristal; 66,7 x 200 cm; tiragem 1/3; 2019

Eduardo Passos



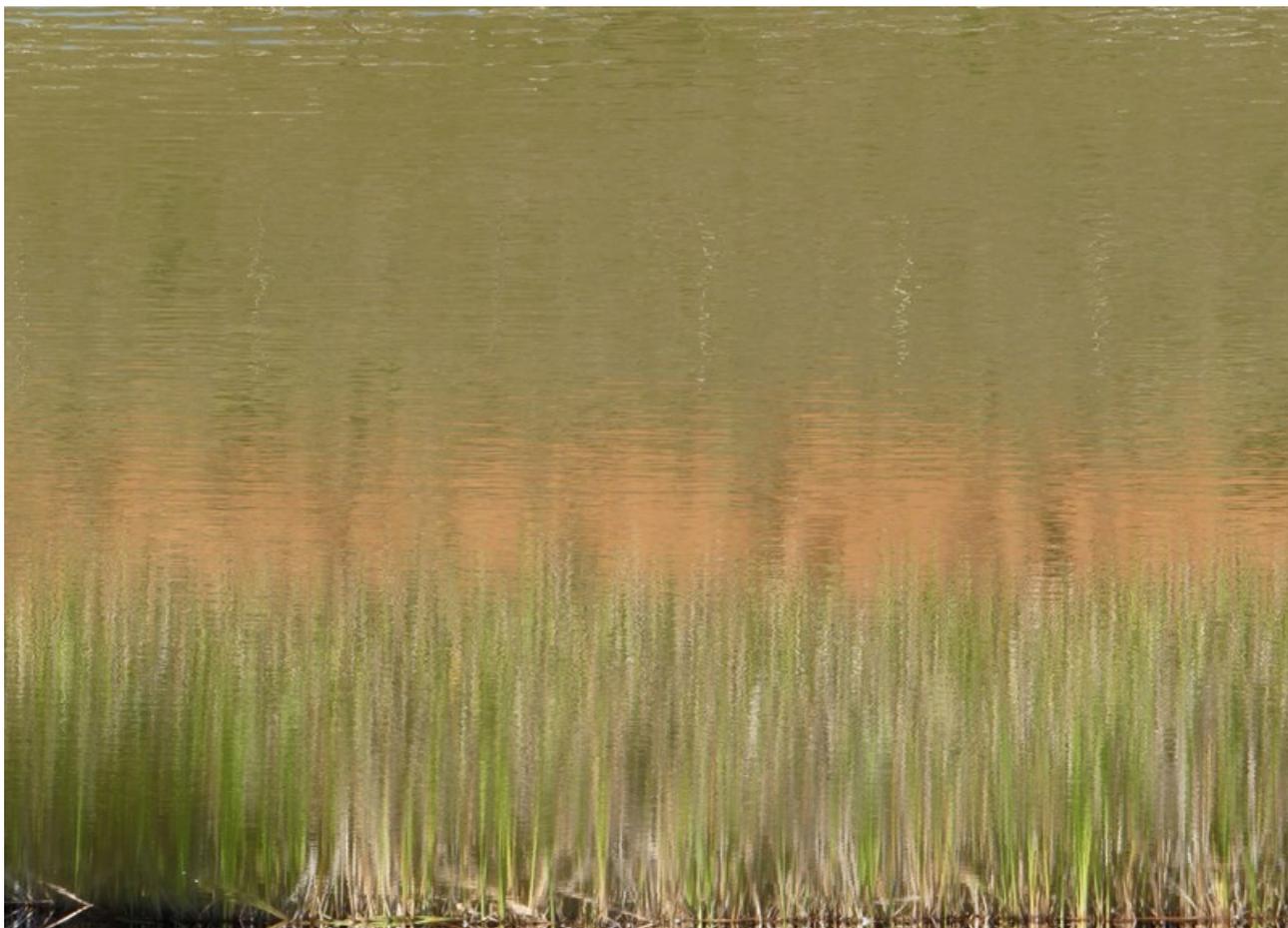
O morro e o céu; fotografia, impressão em papel Hahnemühle; tiragem 20; 30 x 30 cm; 2021

Francine Simões



Olho magico; fotografia digital impressão fine art; 70 x 90; tiragem 5; 2021

Gilda Lima



Pensamento; fotografia, impressão fine art em papel algodão; edição única; 60 x 40 cm; 2018

Gloria Conforto



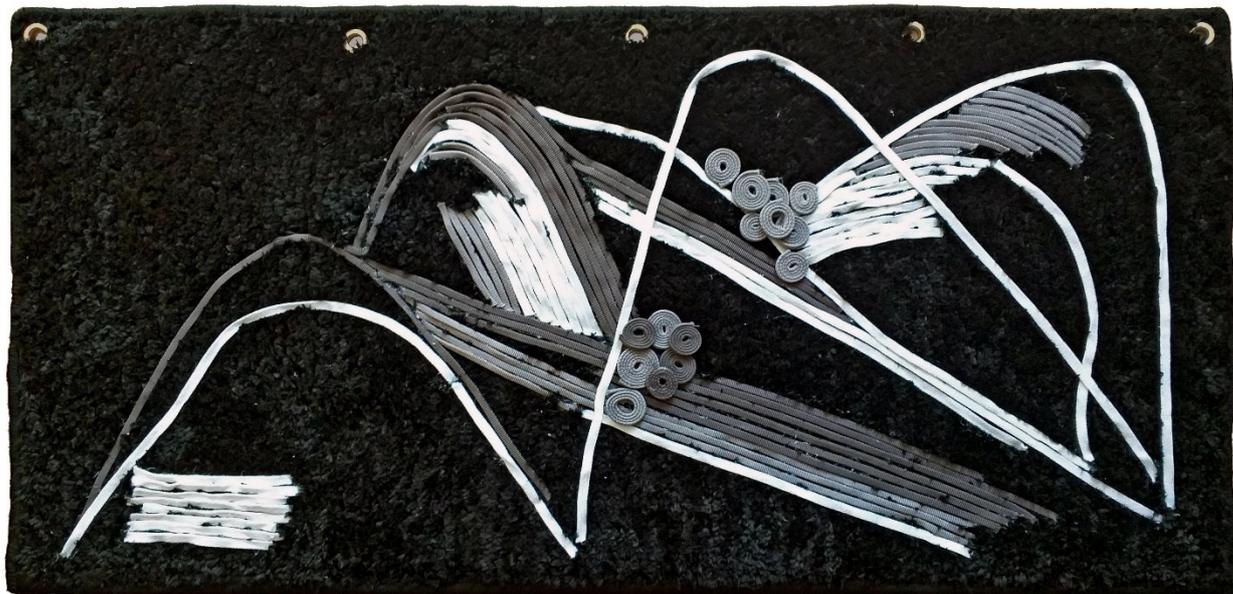
Atrás do Morro (Díptico); óleo s/ tela; 100 x 50 cm; 2019

Guto Goulart



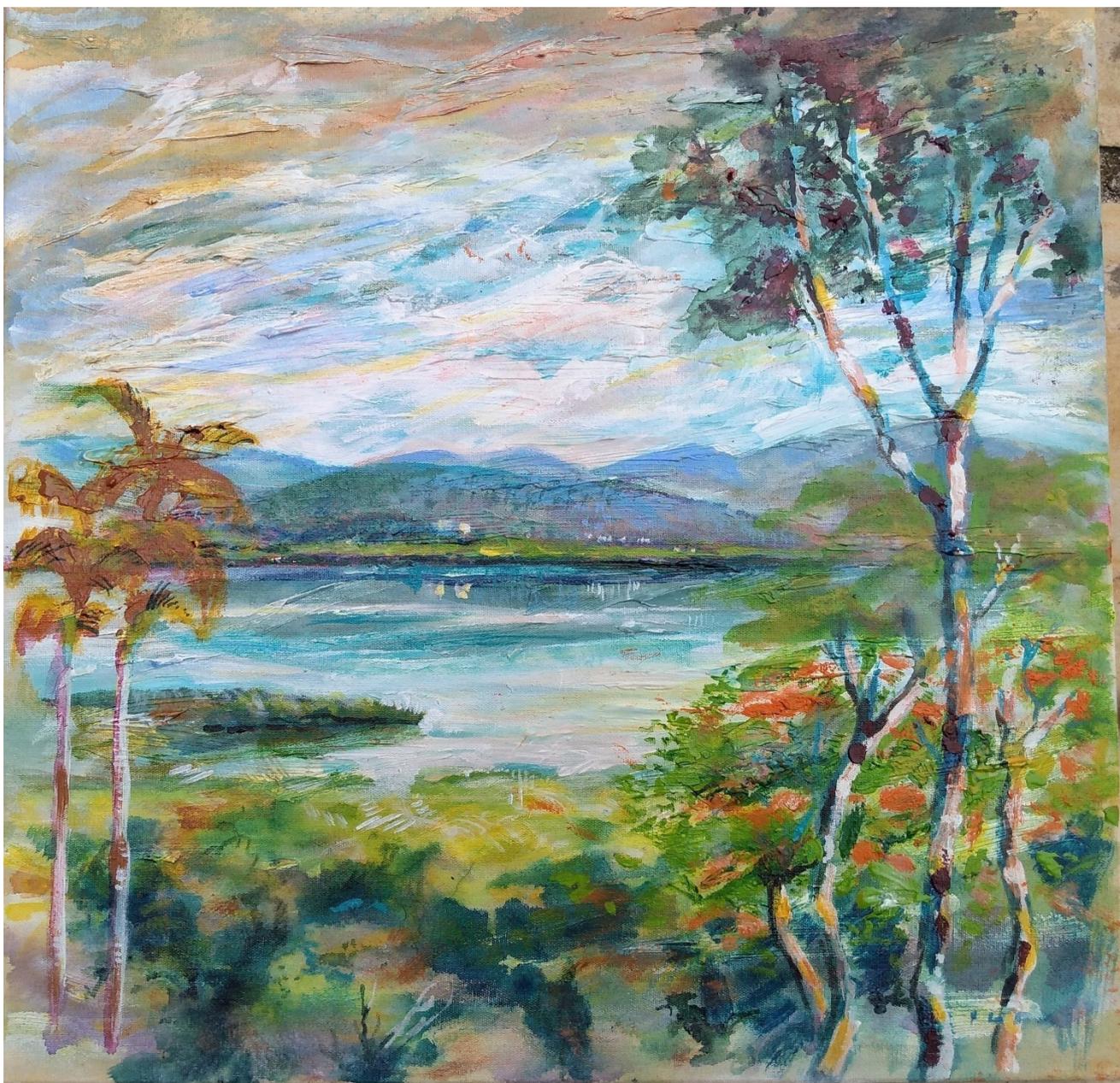
Sem título; acrílica s/ tela; 82 x 52 cm; 2021

Helena d'Avila



Alinhamentos; cadarço s/ tapete; 50 x 100 cm; 2021

Ilda Fuchshuber Falacio



Salve a lagoa (vista de minha janela); acrílica s/ tela; 40 x 40 cm; 2021

A lagoa já é muito rasa com o assoreamento, e o avanço da vegetação, vai reduzindo mais e mais. Algumas áreas já foram aterradas, foram loteadas. Há um projeto em Niterói de fazer um calçadão em volta para ficar como a lagoa Rodrigo de Freitas. Fiquei primeiro contra, mas hoje sou a favor. Assim vão devagar dragando a lagoa de Itaipu e quem sabe também tratar da lagoa de Piratininga.

Iraceia Oliveira



Migrações; acrílica diluída s/ papel acrílico; 32 x 36 cm; 2021

Isabella Marinho



Através das janelas; técnica mista: carvão, acrílica, colagem de tela s/ tela; 270 x 135 cm; 2004

Isis Braga



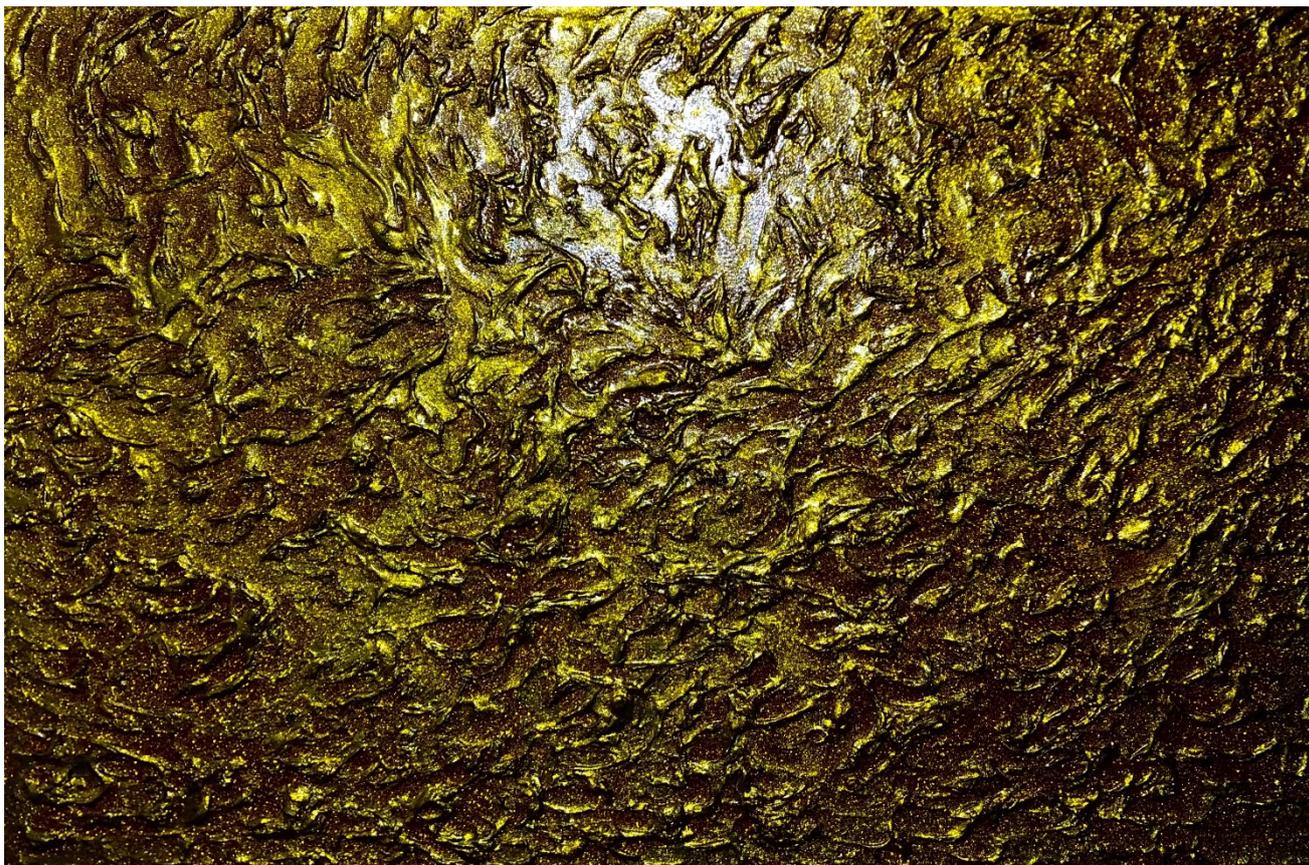
Paisagem; fotografia digital; 21 x 29 cm; tiragem 05;2021

Jarbas Paullous



Sem título; fotografia; 40 x 90 cm; tiragem 3; 2022

João Galvão Jr.



Sem título; técnica mista de pintura s/ tela; 80 x 120 cm; 2020

Jorge Cerqueira



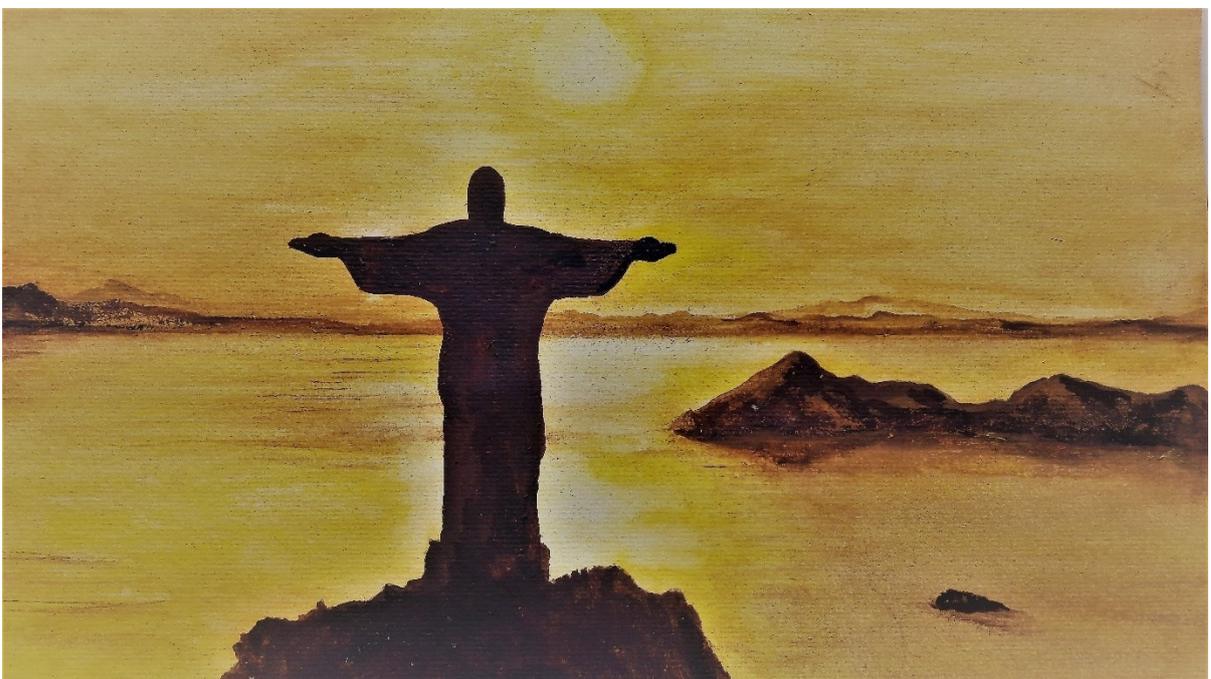
Paisagem interior; guache s/ papel Canson; 66 x 47 cm; 2016

Jorge Duarte



Touro Cercado; acrílica e arame farpado s/ tela sobre MDF; 138 x 185 cm;
2006

José Rocha



Rio 180 graus (Díptico); aquarela s/ papel 300g.; 30 x 40 cm cada; 2021

Judite Alice



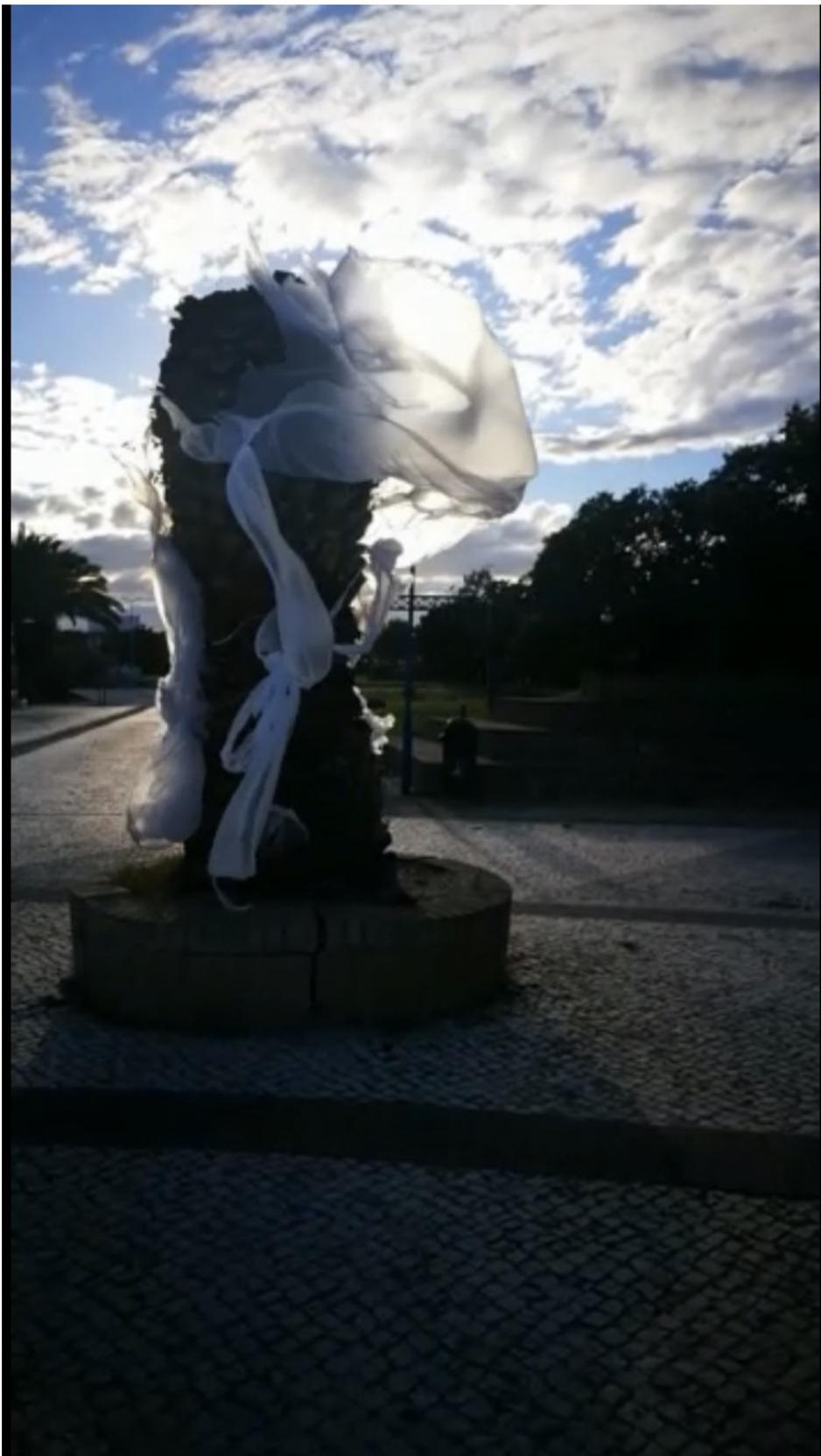
Montes do Rio; fotografia digital, impressão fine arts; 30 x 42 cm (possibilidade de diversas medidas); tiragem 1/3; 2018

Julio Scharfstein



No paraíso; fotografia, pintura e arte digital; 60 x 43 cm, tiragem 3; 2021

Lando Faria



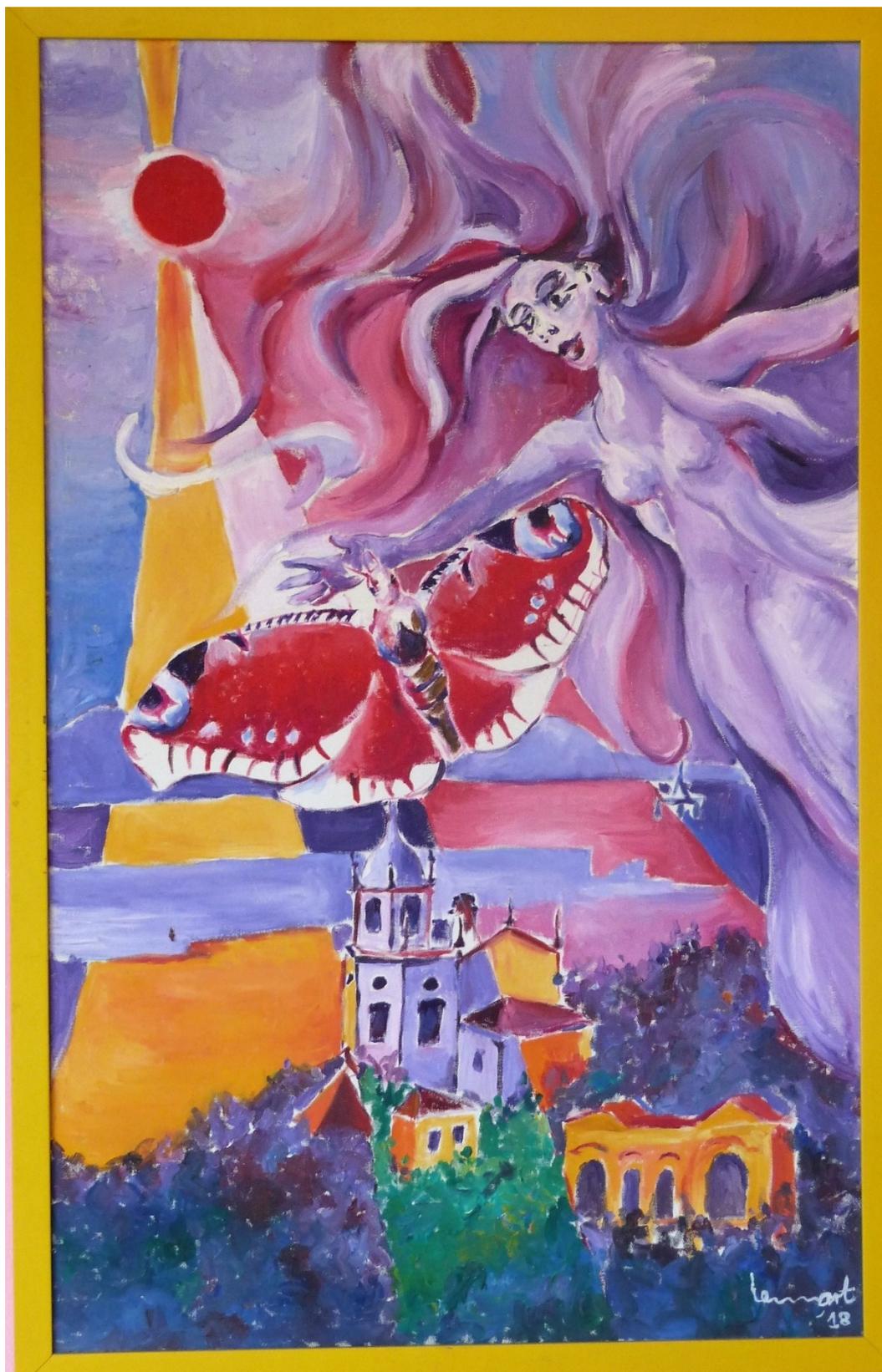
Vento sul; vídeo; 20"; 2021

Lenn Cavalcanti



Horizonte; acrílica s/placa de acrílico, 50 x 50 cm; 2012

Lennart



Ascensão; óleo s/ tela; 84 x 54 cm (com moldura); 2018

Let Cotrim



Com vista para a terra; fotografia digital impressão Papel fine-art Hahnemühle
Photo Rag; tiragem: 15; 55 x 25 cm; 2018

Lia do Rio



Sem Título; varredura de folhas e apropriação do acúmulo de folhas sobre o espelho d'água (land art), impressão fotográfica; tiragem 3; 40 x 60 cm; 1988

*É um todo. Eu, o trabalho, o entorno.
Dá paz ter realizado.
Apesar de efêmero, é muito mais consistente
que as coisas ditas perenes.*

Liana González



Paisagem avassaladora, série Um outro olhar; fotografia, impressão fine art; tiragem 10; 30 x 42 cm (possível imprimir em outros tamanhos); 2014

Liane Briand



Fina Árvore Marrom; técnica mista s/ tela; 116 x 81 cm; 2017

Luah Jassi



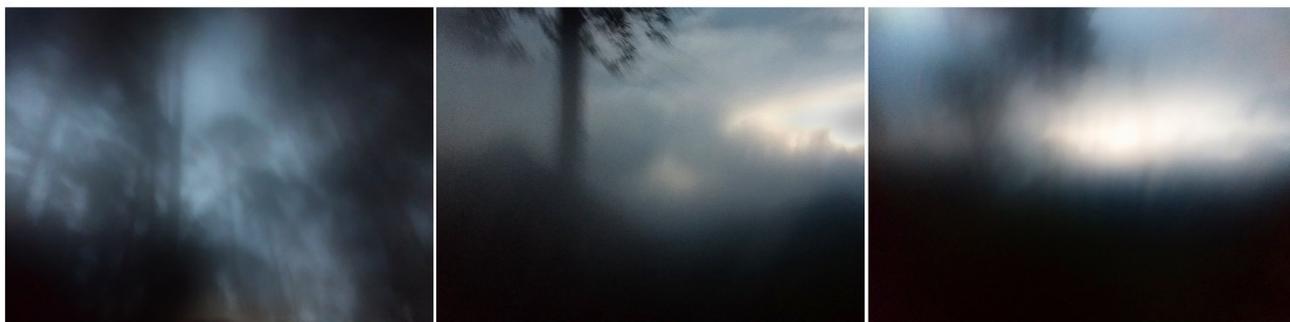
Sem título; técnica mista s/ MDF; 80 x 80 cm; 2021

Lucia Lyra



Lua Crescente; acrílica s/ tela; 60 x 60 cm; 2021

Luciane Villanova



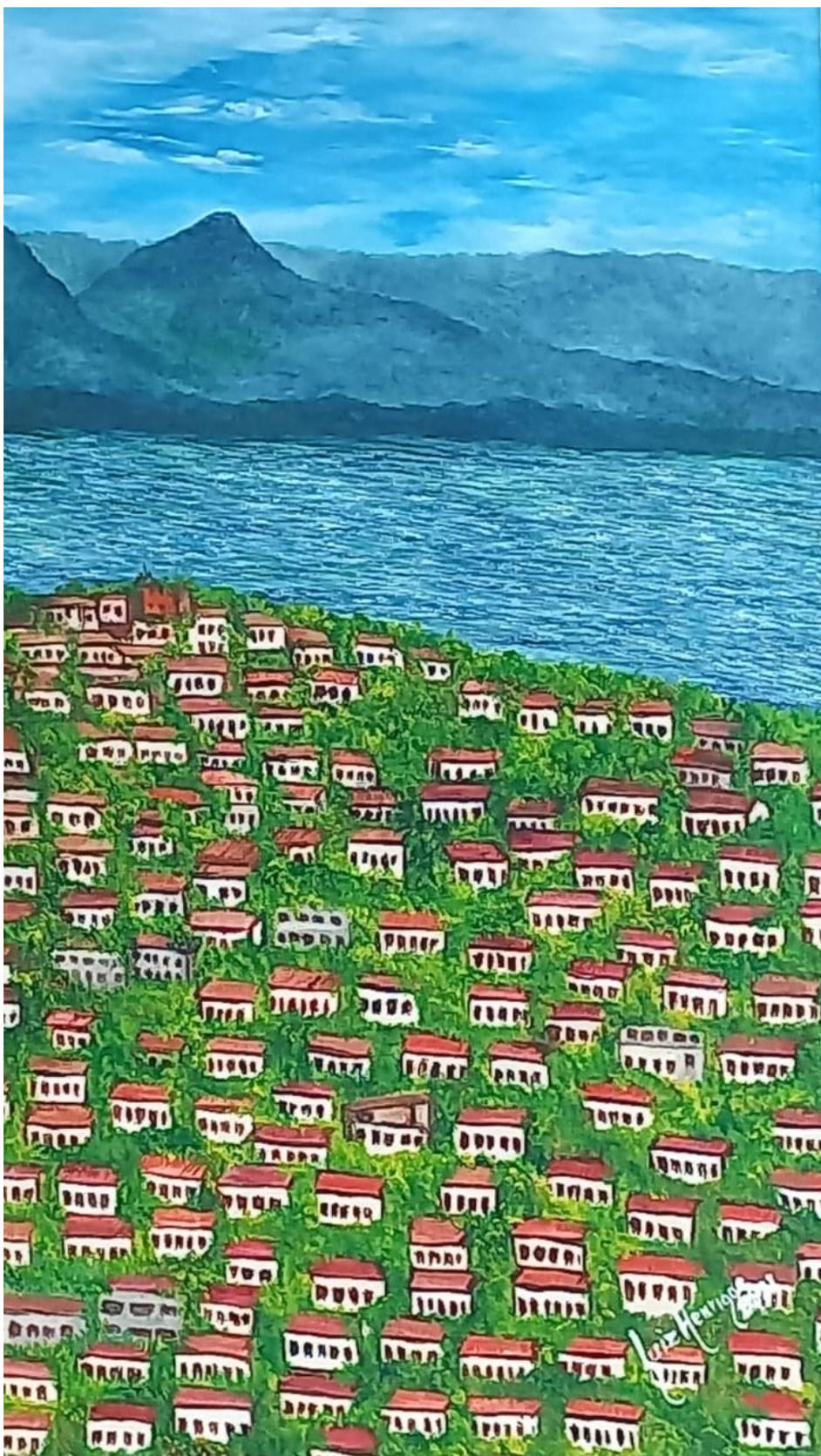
Paisagem; fotografia digital impressa em papel 100% algodão; tríptico 20 x 27 cm cada; tiragem: 1/5; 2020

Lucio Volpini



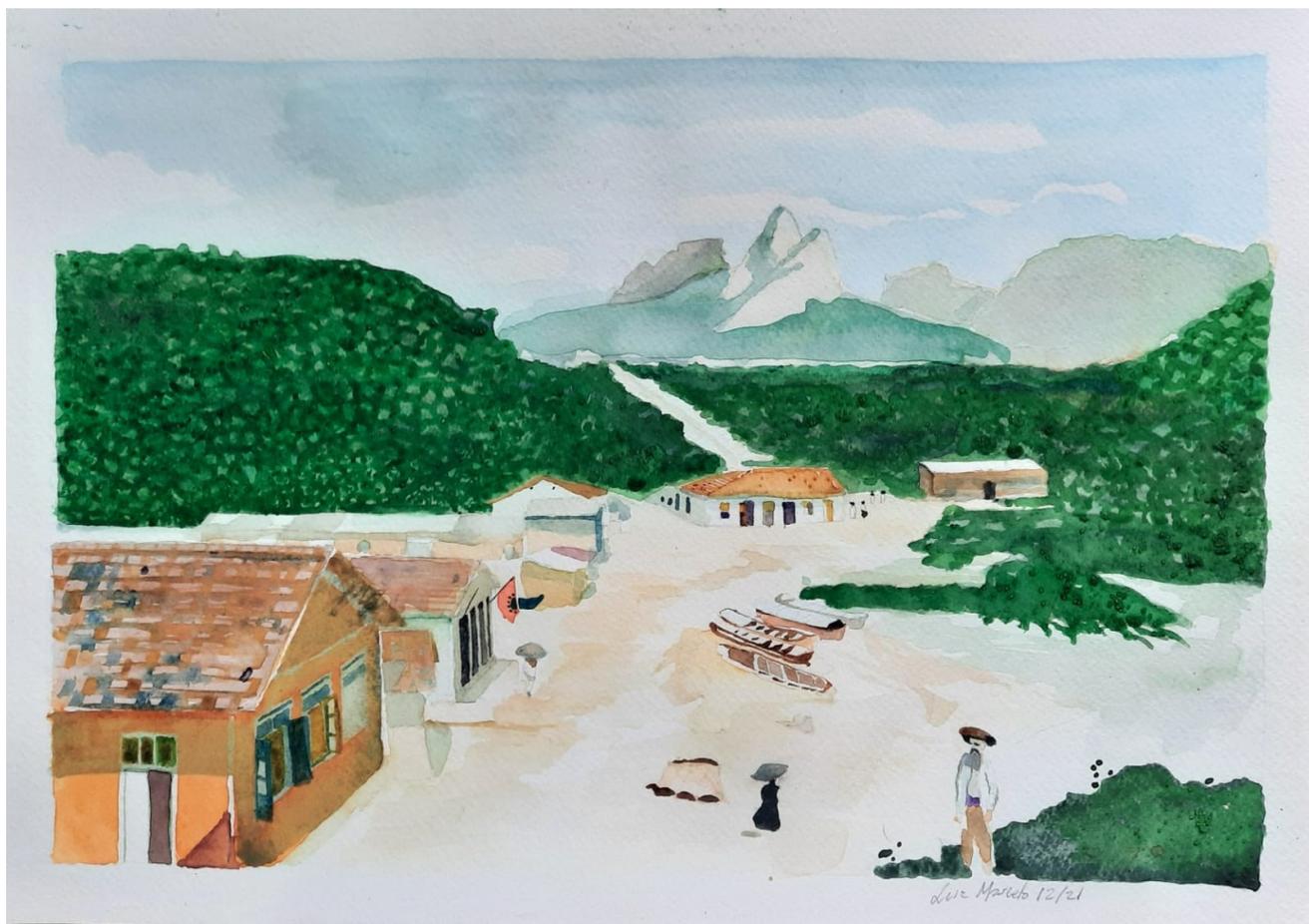
São Paulo; acrílica e nanquim s/ papel Fabriano; 30 x 38 cm; 2020

Luiz Henrique



Paisagem Urbana do Bairro São Pedro; óleo s/ tela; 80 x 60 cm; 2021

Luiz Marcelo Resende



Posto 6 em 1895, aquarela em papel 300g/m², 42 x 30 cm; 2021; d'apres fotografia de Marc Ferrez

Luiz Norões



Sem título; óleo s/ tela; 123 x 116 cm; anos 80

Marcelo Veiga



“Bem-vindo; bien venido; bienvenue; welcome”; arte digital e colagem s/ papel fotográfico; tiragem 5; 41,2 x 29 cm; 2021

Meu foco continua sendo a cultura, paisagens, biodiversidade. Tudo de bom no Estado do Rio de Janeiro.

Marcia Cavalcanti



S/ título; óleo s/ tela; 30 x 40 cm; 2021

Maria Cecilia Leão



Meu Corpo em Catarse (autorretrato); fotografia, impressão fine art em papel Hahnemuller PhotoRag; 60 x 80 cm; tiragem 1/5; 2019

Maria Perdigão



Omaggio a Italia V; aquarela s/ papel Hahnemühle; 30 x 40 cm; 2021

Maria Verônica Martins



Honfleur, França; guache; 50 x 70 cm; 2018

Mariana Nobre



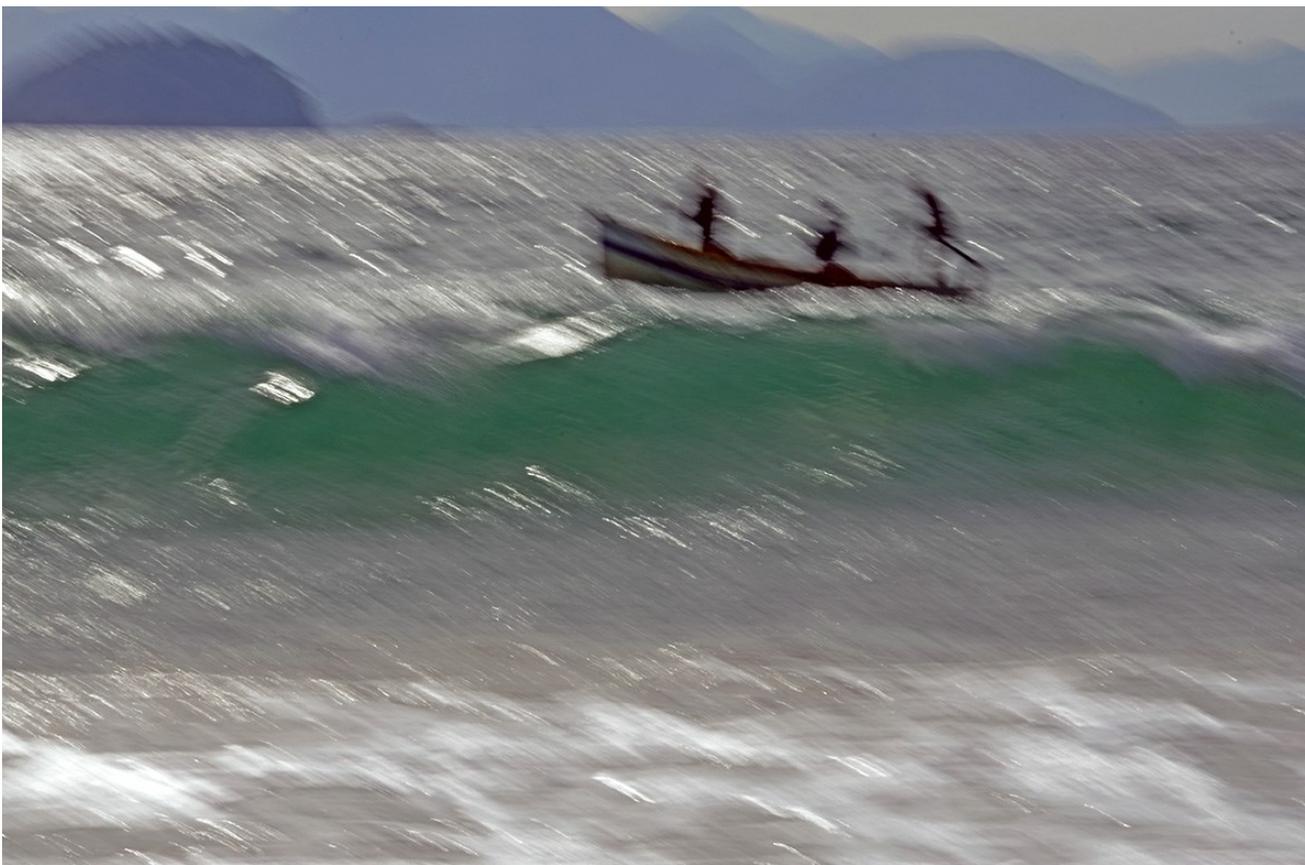
Caminho da mandala e Mandala da eternidade; aquarelas; 44 x 32 cm cada; 2020

Mariza Vescovini



Pássaros; acrílica s/ tela; 49 x 53 cm cada (tríptico); 2021

MarQo Rocha



O Barquinho; fotografia digital; tiragem 5; 30 x 45 cm; 2014

Marta Bonimond



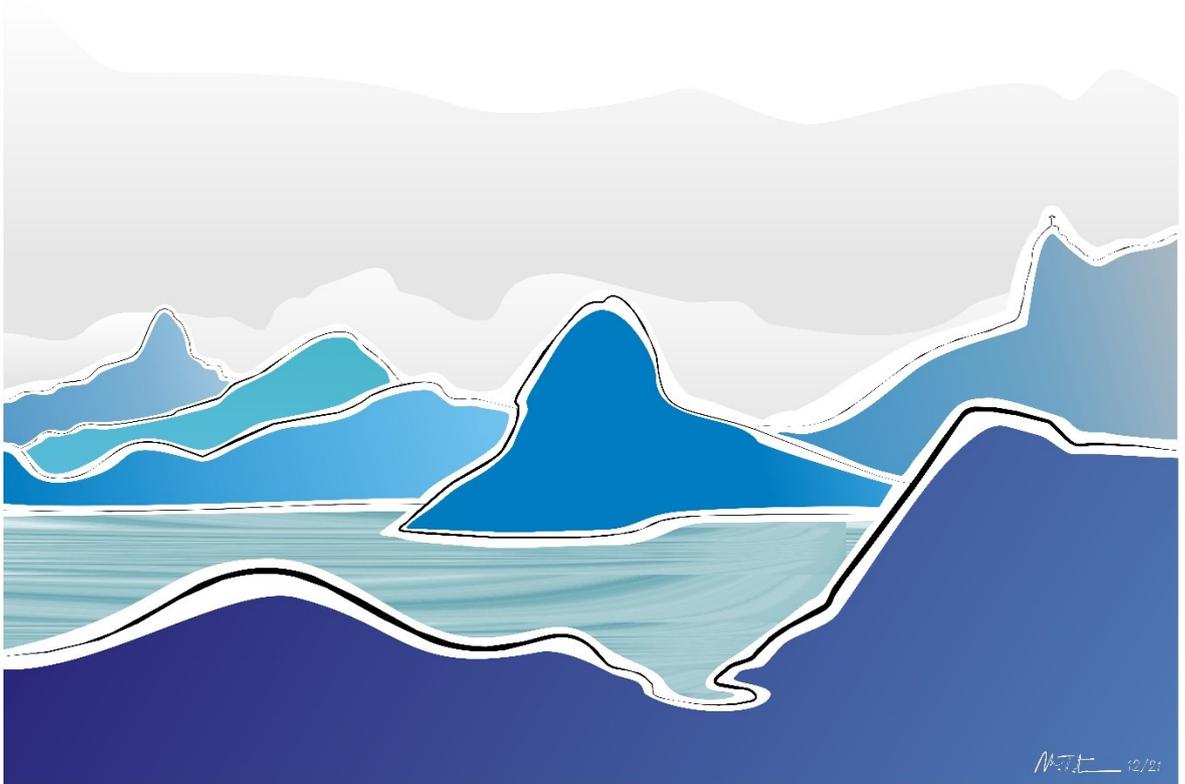
Paisagem Onírica; técnica mista s/ madeira; 35 x 95 cm; 2010

Martha Pires Ferreira



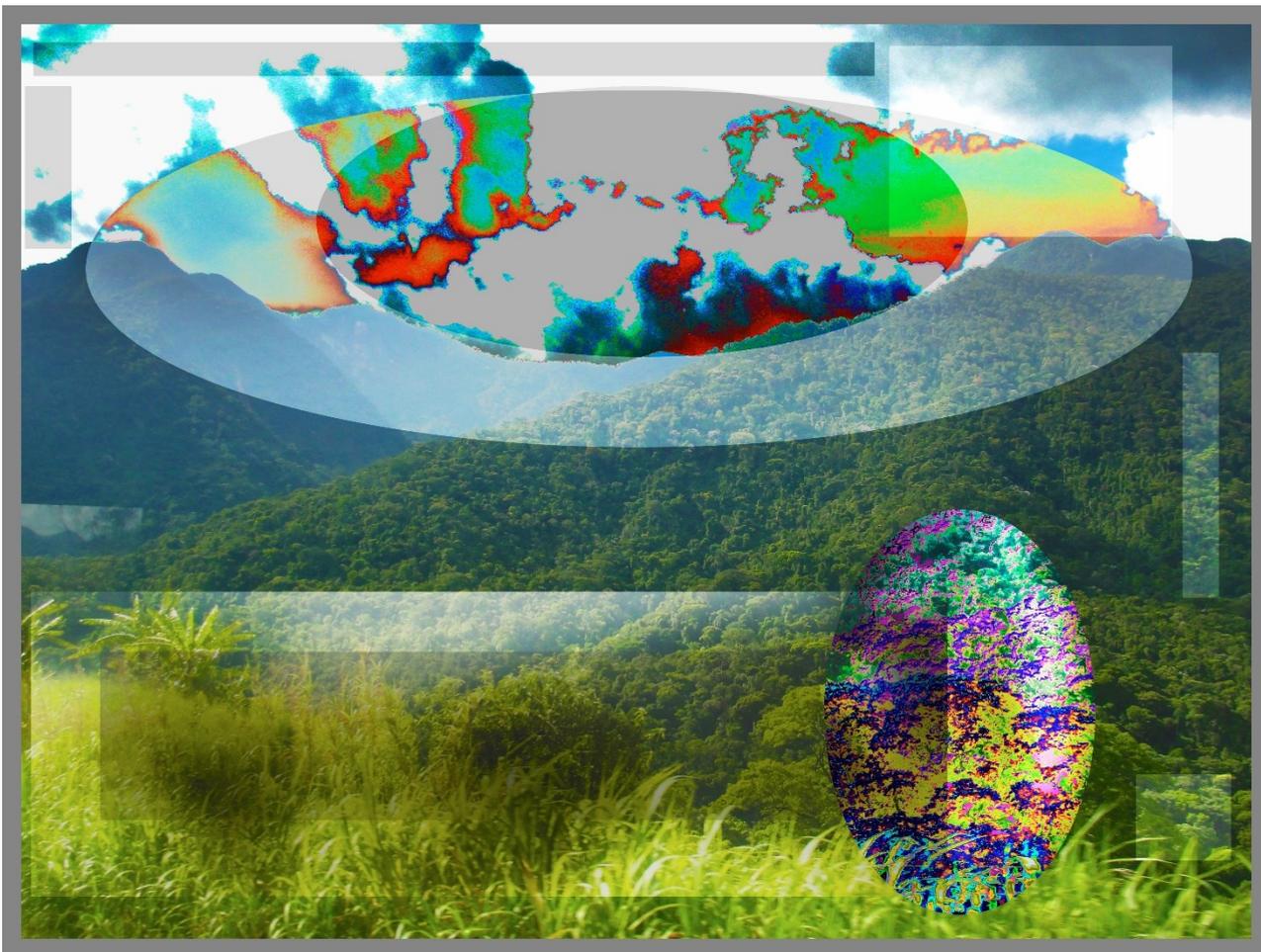
Casinhas do interior; bico de pena e aquarela; 30 x 21 cm; 2021

Mauricio Tassi Teixeira



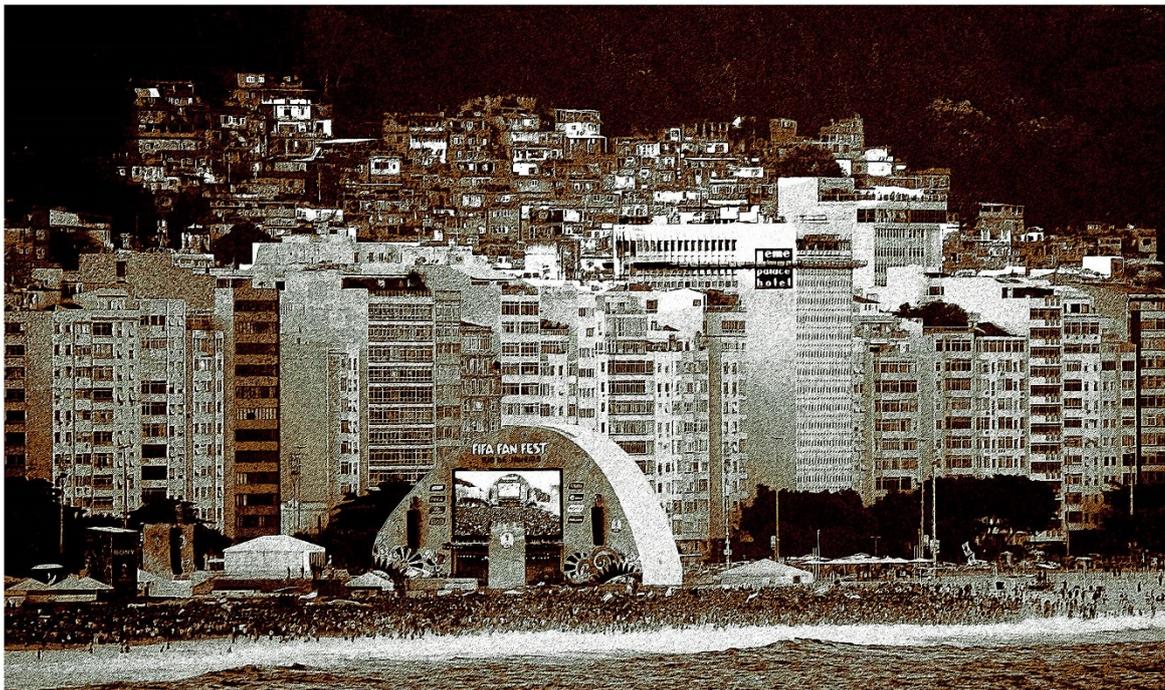
Paisagem geral do Rio de Janeiro, d'après fotografia de Zeka Araújo; mão livre em computação gráfica; 118 x 84 cm (podendo ser impresso em diversos tamanhos); 2021

Mauricio Theo



Sem título; fotocomposição, impressão fine art; tiragem 10; 60 x 90 cm

Miguel Hijjar



FAN FEST; fotografia digital impressão fine art em papel algodão com tinta ecológica inkjet de pigmento mineral em base de água; tiragem 10; 53,56 x 90 cm; 2014

Nilton Pinho



Pastel sobre bancada de camelô do Saara; 50 x 50 cm; 2016

Nissin Moussatche



Dora: A dança das baleias; acrílica s/tela; 61 x 44 cm; 2021

Noemi Ribeiro



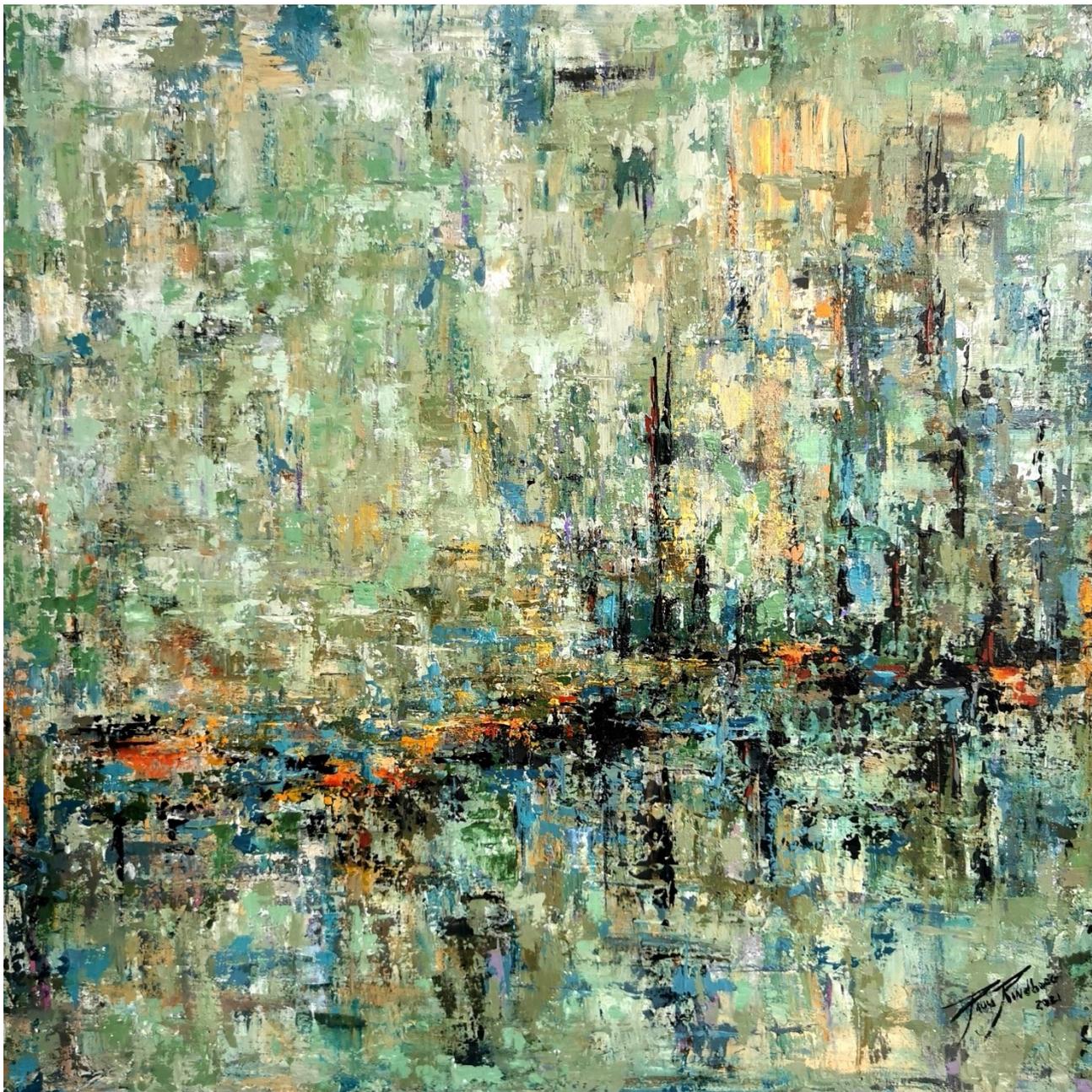
Manhã em Copacabana; fotografia, impressão fine art em papel Canson 100% algodão; tiragem 5; 30 x 25 cm; 2021

Pat Freire



Sem título; aquarela s/ papel; 24 x 32 cm; 2020

Paula Rindborg



Voltando para casa; acrílica e tinta spray s/ tela; 80 x 80 cm; 2021

Paulo Mittelman



CartaCasca-3 (BarkLetter-3); fotografia em alta resolução impressão em papel Hahnemühle Matt fibre com tintas de pigmento mineral; 30 x 40 cm; tiragem 10; 2016

Saibamos ler essa Carta para que essa história não se repita.

Ranieri Mazzilli



Tempo de carnaval; fotografia digital, impressão fine art; 21 x 29 cm; tiragem 3; 2018

Regina Helene



Onde os olhos não chegam; assemblage: fios, lã merino, barbante, arame; 160 x 60 x 42 cm; 2021

Regina Moura



Entre paisagem e miragem; acrílica sobre tela; 50 x 50 cm; 2019

"Sou minha própria paisagem...todo estado de alma

se pode representar por uma paisagem" Fernando Pessoa

Aqui caminho entre paisagem e miragem,

talvez por uma pequena narrativa visual de meu olhar e meu sentir

Roberta Salgado



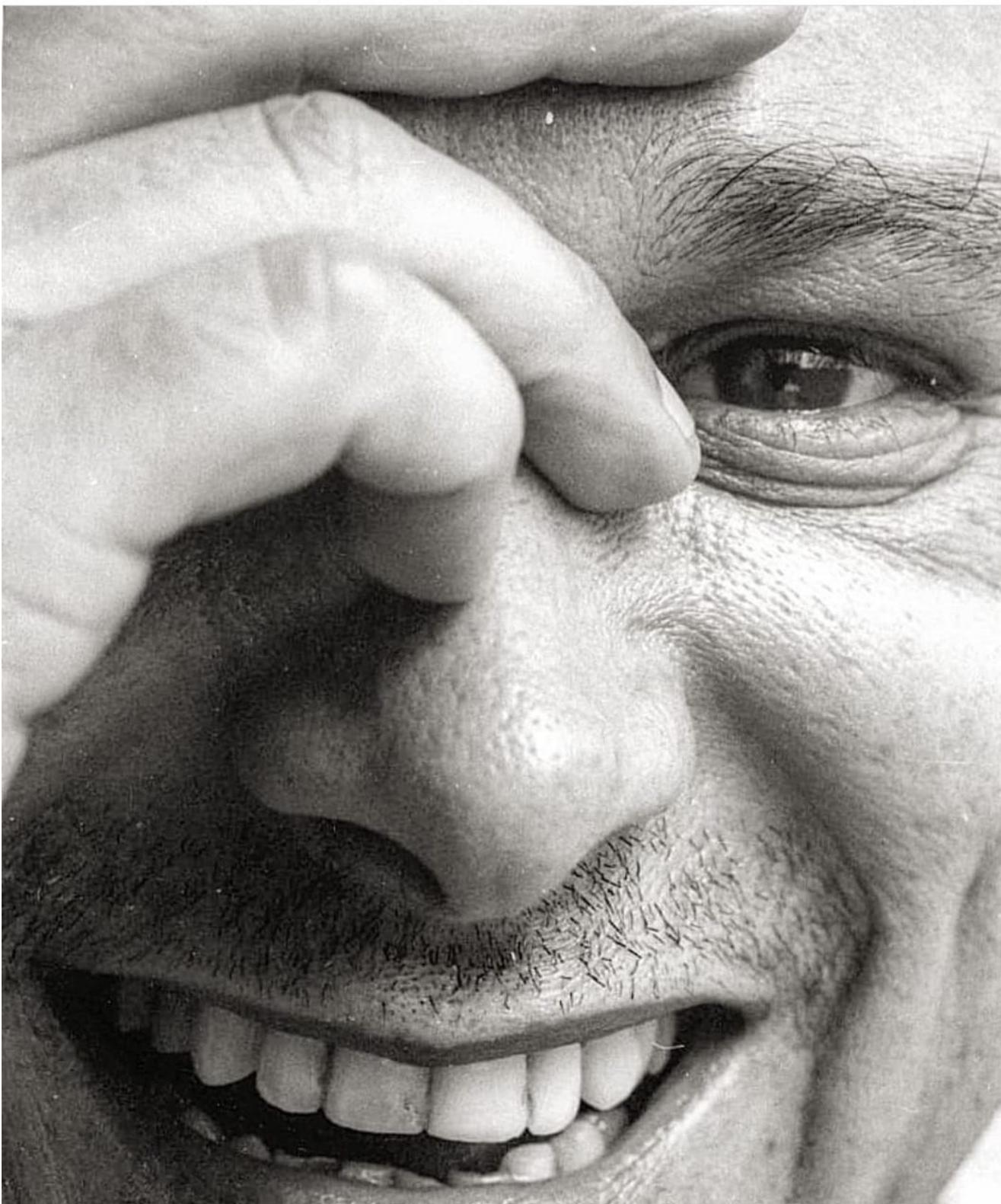
Amazônia; fotografia - imagem criada por computador representando a Floresta Amazônica preservada (1950), os primeiros grandes avanços sobre a Floresta (1980) e o quente e forte saque (1980/2020), continuando-se em 2021; impressão em vinil, s/ MDF; 80 x 80 cm; tiragem 8

Roberto Negri



Série imaterial nº 4; fotografia digital, impressão fine art rag photographique
310gr; tiragem 1/5; 2021

Rogério Reis



Zeka Araújo; fotografia analógica vintage, impressão em papel fotográfico; edição única; 18 x 24 cm; anos 80 no estúdio da Agência F4 no Rio

Rosangela Soares Pinto



Scheherazade; fotografia impressão fine art; tiragem 1/5; 40 x 26,66 cm; 2021

Rose Aguiar



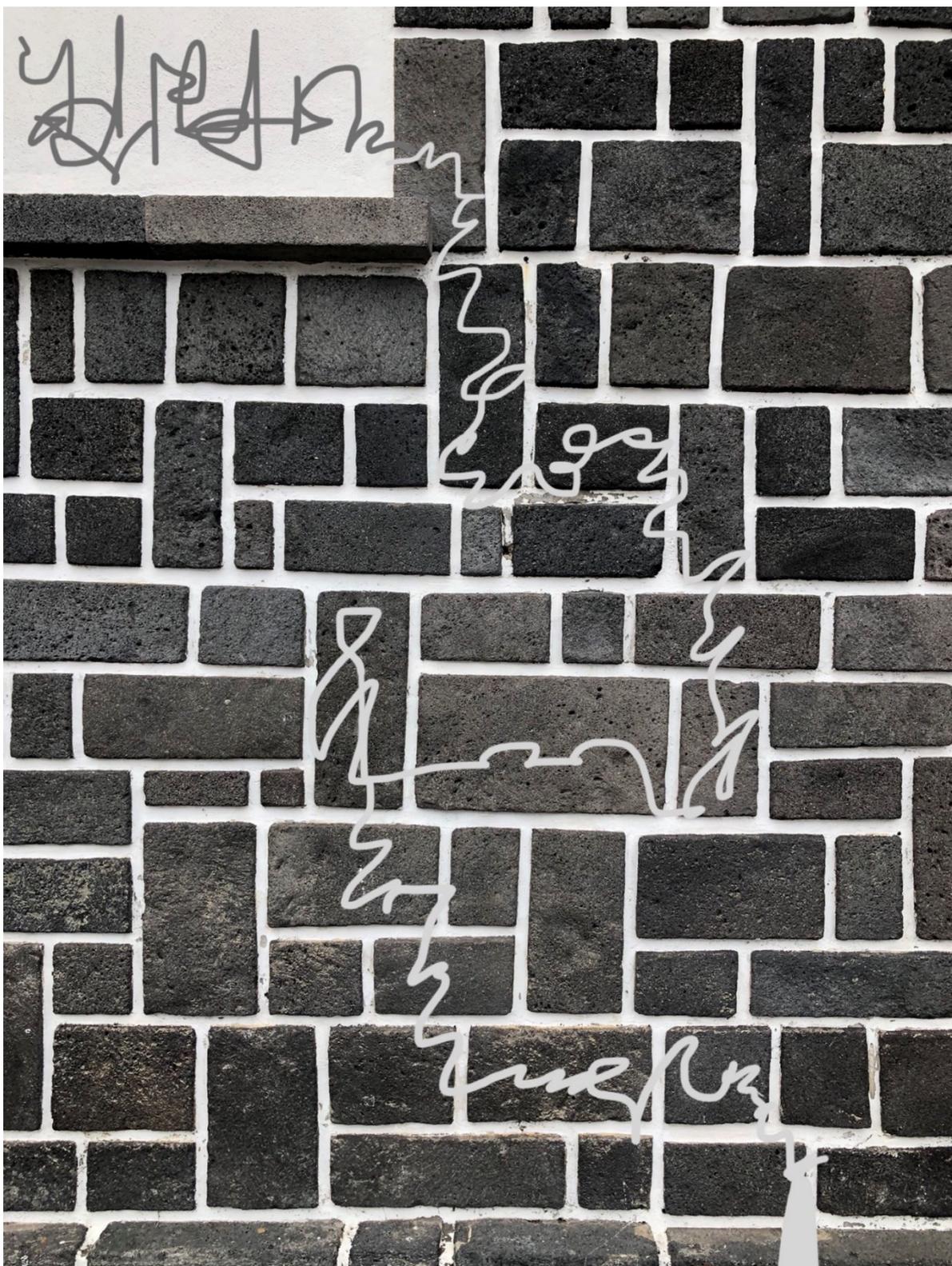
Sky; fotografia digital, impressão fine art em papel algodão; 40 x 30 cm; 2021

Rose Nobre



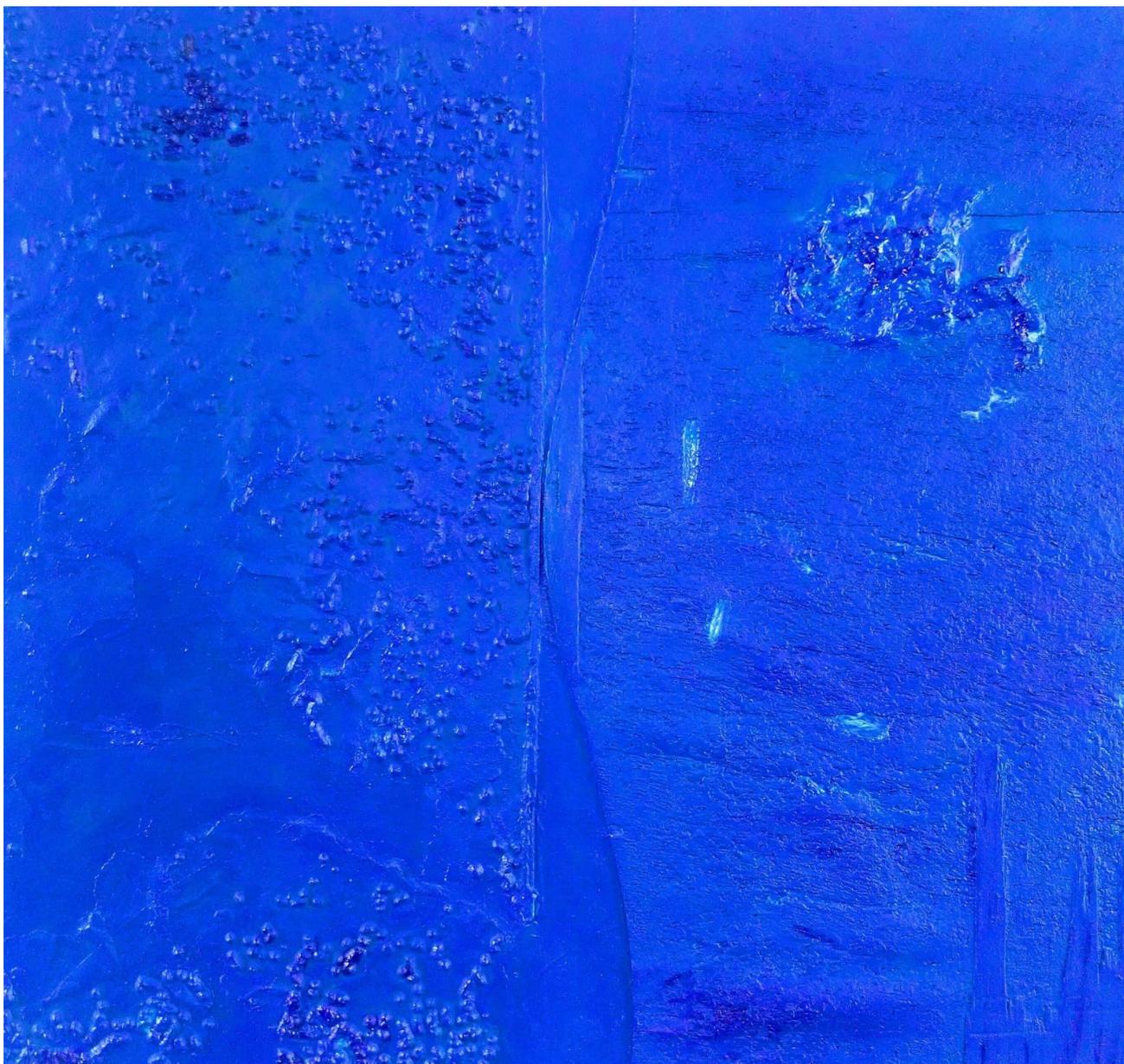
Isto não é uma paisagem; acrílica s/tela; 30 x 100 cm; 2021

Rosi Baetas



Havia espaço em branco; fotografia digitalizada, impressão fine art; 71 x 53 cm;
2021

Salazar Figueiredo



Fragmentação; acrílica s/ painel em Eucatex; 75 x 84 cm; 2022

Sandra Macedo



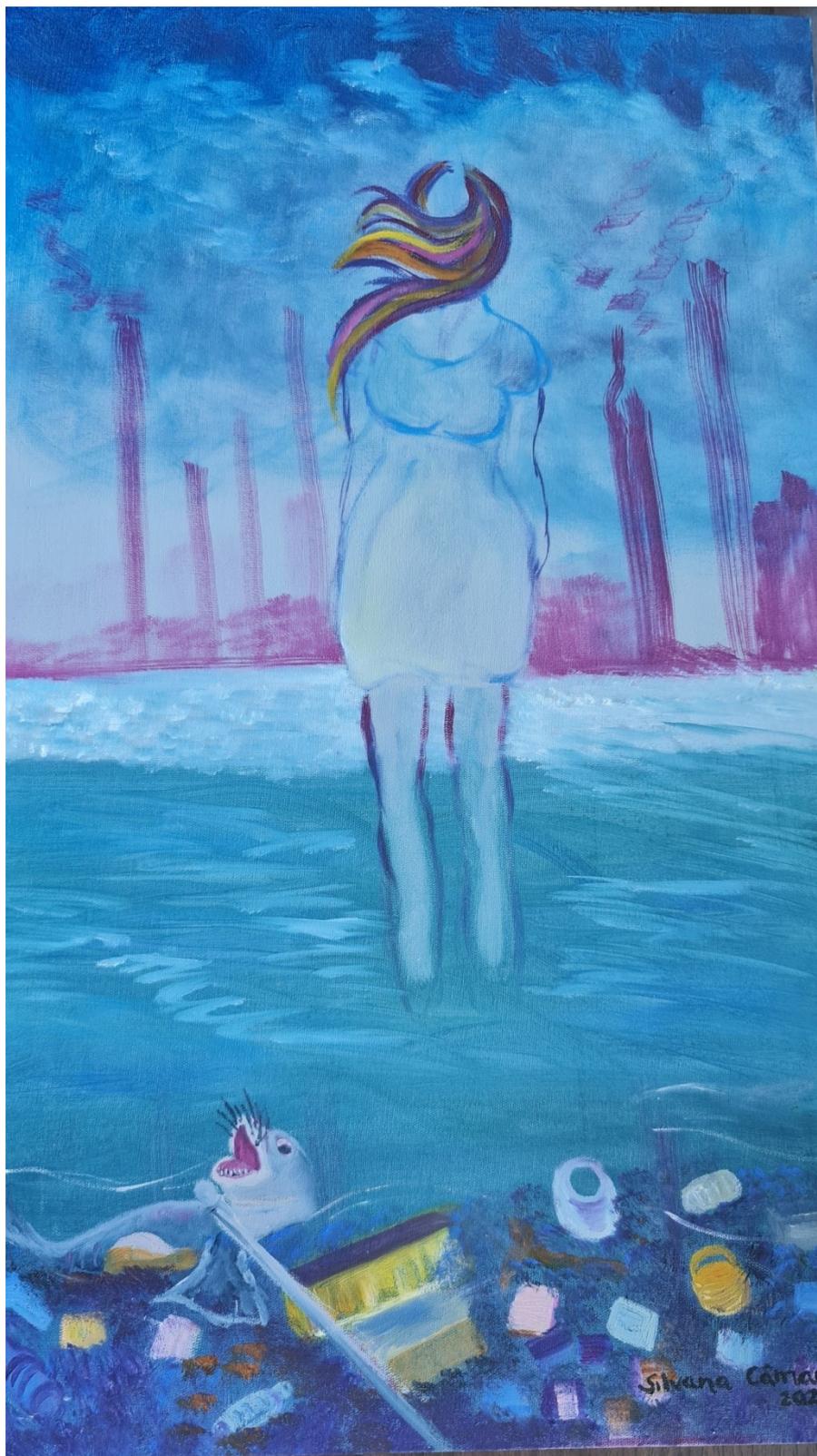
Paisagem Carioca; fotografia digital, impressão fine art em papel algodão; 45 x 25 cm; tiragem 2; 2018

Sandra Schechtman



Atitudes de skatistas em movimento; fotografia em técnica mista; tiragem 10;
75 x 50 cm; 2001/21

Silvana Câmara



Para onde vamos?; óleo s/ tela; 30 x 50 cm; 2021

Silvio Moréia



O Céu Que Nos Protege; fotocomposição digital, impressão em papel algodão fine art Hahnemühle; tiragem 5; 120 x 80 cm; 2021

Sissi Kleuser



Por do Sol; acrílica s/tela; 2020

Teresinha Mazzei



Praia Azul II; fotografia com interferência digital, impressão fine art s/ tela de algodão; 30 x 40 cm; 2013

Téssara



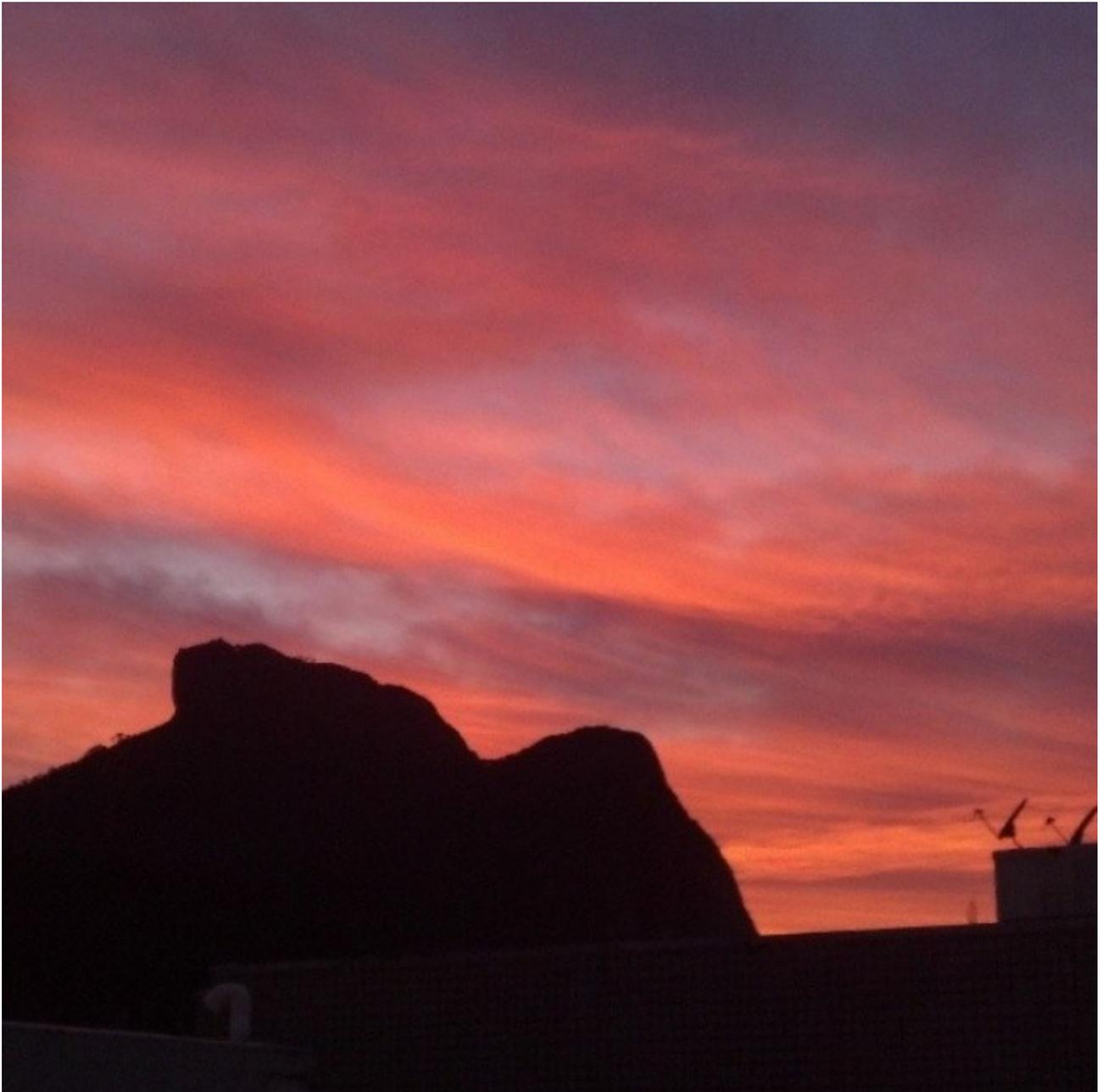
Simulacro Paisagístico; arte digital, impressão fine art; 30 x 40 cm; 2021

Uiara Bartira



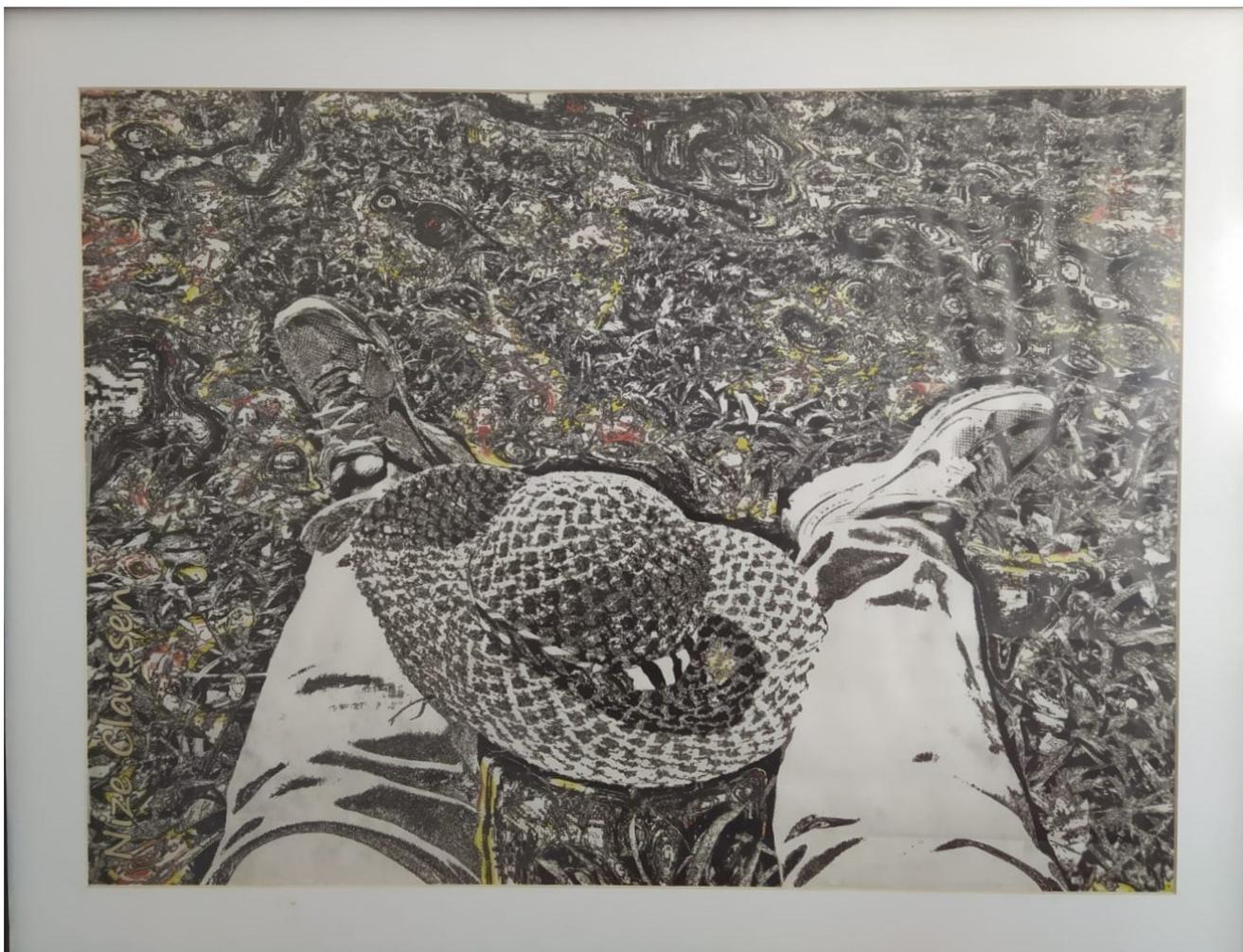
Sem título, série Natureza do Amor; acrílica s/ tela; 76 x 90 cm; 2017

Vania Pena C



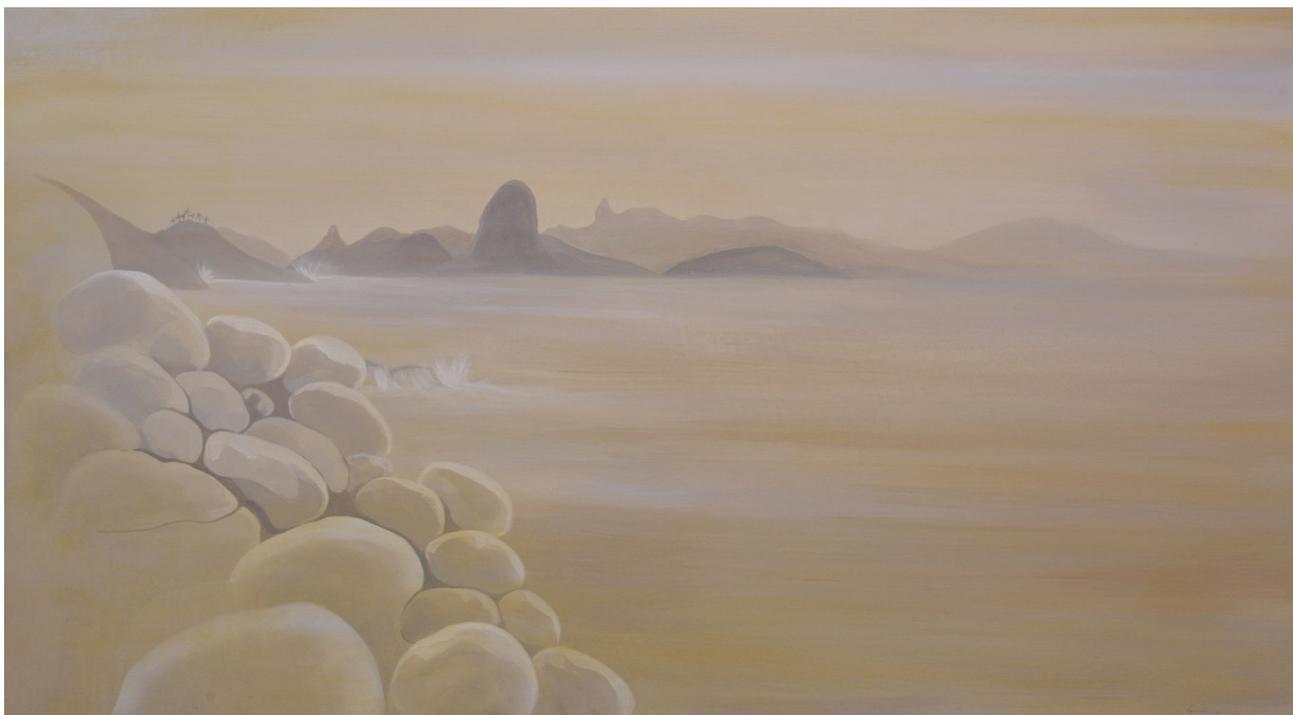
Amanhecendo; fotografia; tiragem 1/10; 20 x 25 cm; 2021

Vanize Clausen



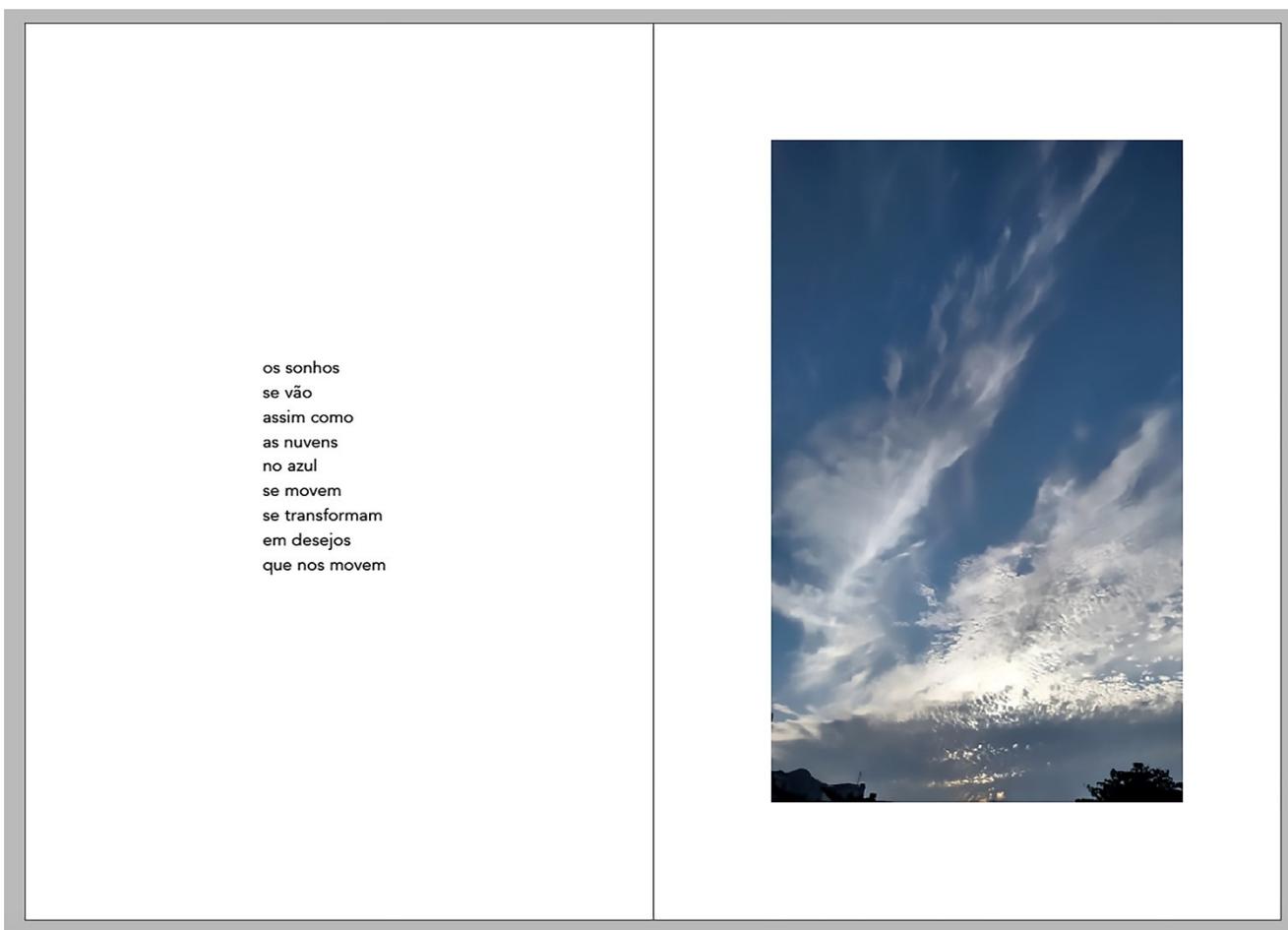
Desconstrução; fotoarte (fotografia e digitalização); 83 x 65 cm (com a moldura); 2012

Vera Hermano



Meu Rio Antigo; acrílica s/ tela; 100 x 180 cm; 2021

Vera Lins



Diário das nuvens; livro de poesias e fotografias formato brochura, cadernos costurados e capa com orelhas; tiragem 100; 21 x 15,5 cm; 2021; projeto gráfico Noemi Ribeiro; impressão Trio Gráfica Digital Rio de Janeiro.

Vicente Duque Estrada



Vista da Central, série Um olhar sobre Santa Teresa; fotografia impressão fine art; 30 x 40 cm; tiragem 100; 2013/16

Vilma Lima



Incompossível; colagem fotográfica, impressão fine art, tiragem 2; 40 x 40 cm; 2020

Ze Igino



Sem título; gravura em metal; tiragem 4/20; 20 x 25 cm; 1987

Zeka Araújo (in memoriam)



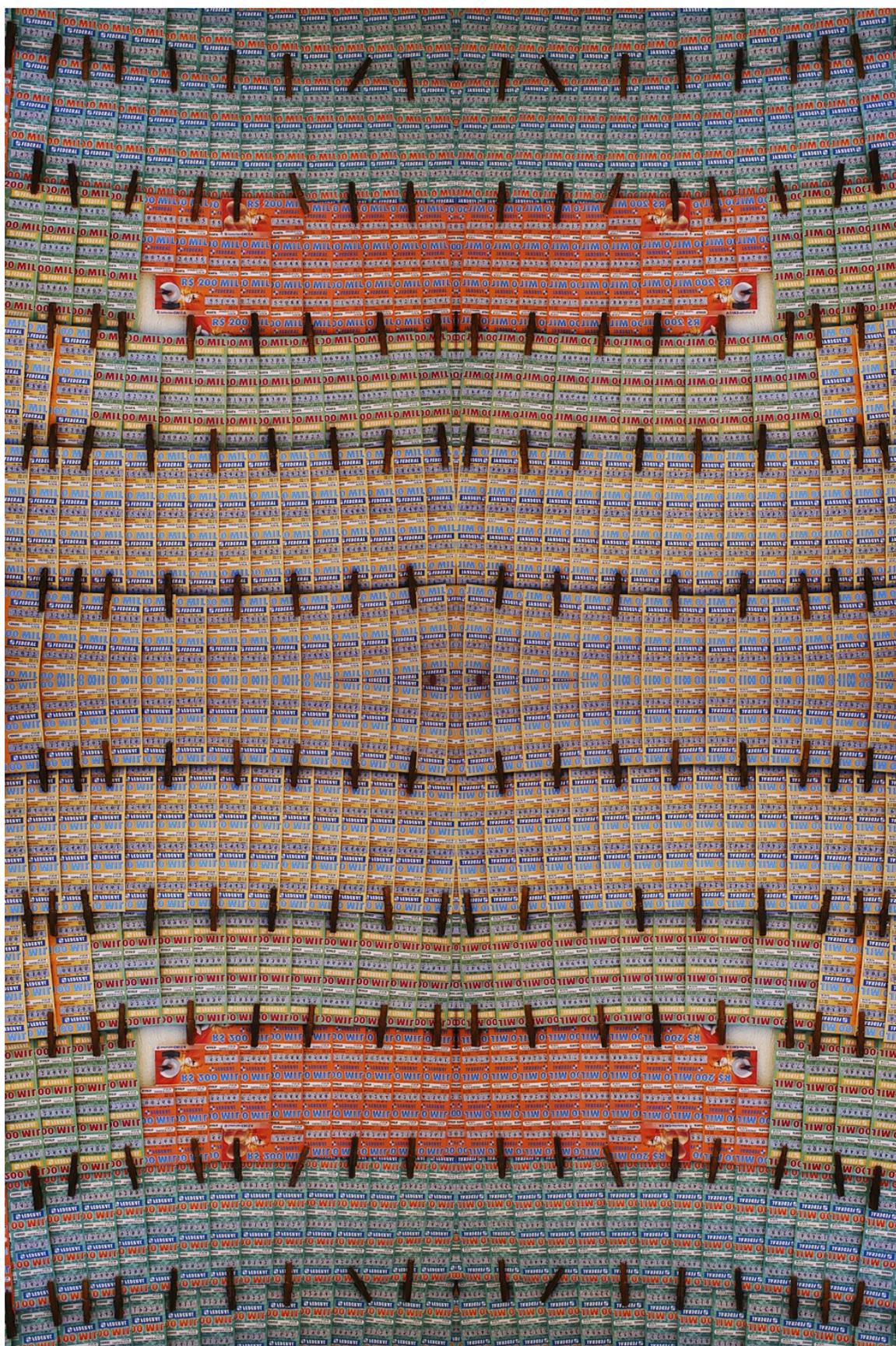
Vista Geral do Rio de Janeiro, série Paisagens do Rio de Janeiro; fotografia analógica - digitalizada e tratada via photoshop; 90 x 60 cm; 2010

Zeka Araújo (in memoriam)



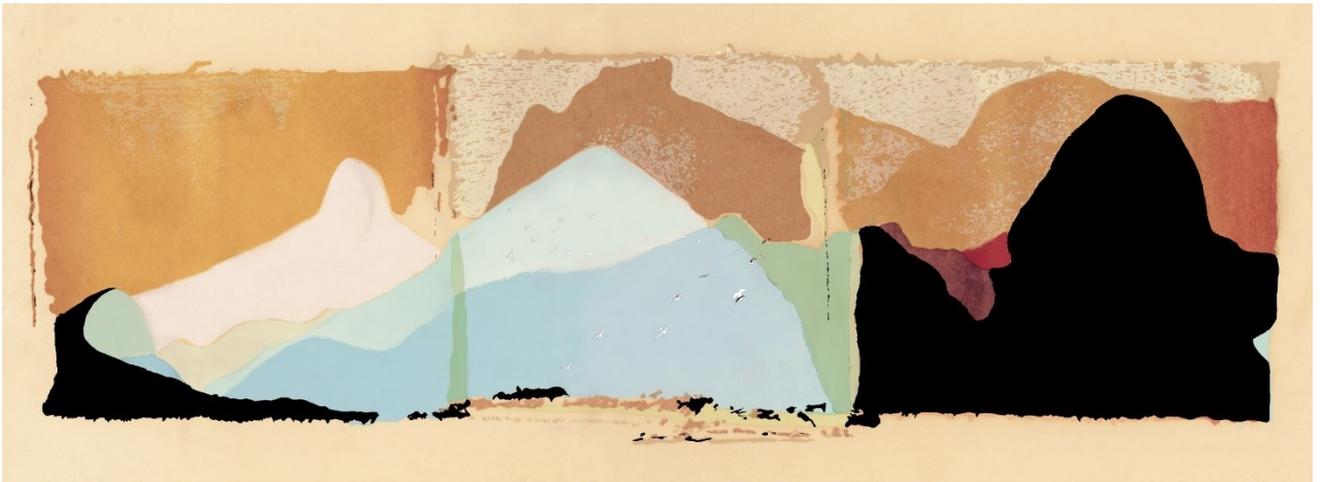
Jardim Botânico, arte digital, impressão fine art; 67 x 67 cm; 2020

Zeka Araújo (in memoriam)

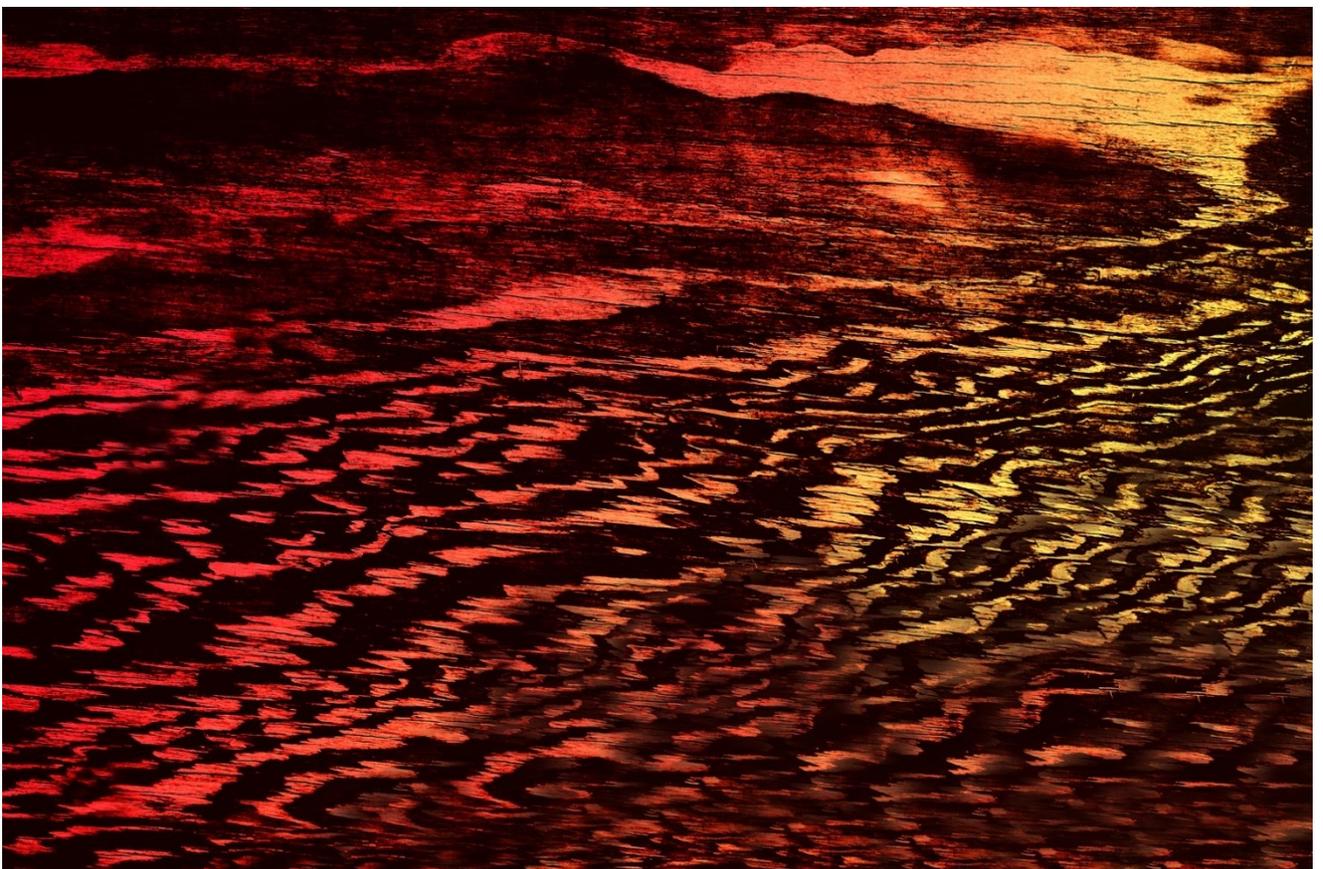


Natureza dos números

Zeka Araújo (in memoriam)



Paisagem do Rio



Sorvete na ribeira

Zeka Araújo (in memoriam)



Tiros